D129

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
BOLETIM DO MUSEU DO ÍNDIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 3 OUTUBRO. 1975

SOBRE OS AIMORÉS, KRENS E BOTOCUDOS. NOTAS LINGUÍSTICAS

Charlotte Emmerich[1] *& Ruth Monserrat*[2]

RESUMO. O propósito deste estudo é analisar os vocabulários *Botocudos* coletados nos séculos XIX e XX, visando depreender a estrutura fonêmica da língua e estabelecer, se as fontes linguísticas o permitirem, eventuais diferenças dialetais.

Numerosos sub-grupos de *Botocudos*, sob denominações bastante diferenciadas, são mencionados frequentemente em Minas Gerais e Espírito Santo, a partir de 1800. Não raras vezes são considerados como uma facção diacrônica dos *Aimorés* do século XVI, que se teria deslocado do seu território original, o sertão bahiano, para o sul. Mediante evidências linguísticas e históricas tentaremos comprovar a existência de um elo genético, do ponto de vista linguístico, entre esses *Aimorés*, os *Krens* e os *Botocudos*.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org

(1) Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(2) Mestre em Ciências Filológicas.

Agradecimento

Deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos a Frei Ramiro Francisco que, com seu entusiasmo e espírito científico, localizou alguns remanescentes Botocudos no município de Itambacuri, Minas Gerais, e, possibilitando-nos o contato com eles, motivou o surgimento deste trabalho.

I. DESIGNAÇÕES AIMORÉ, GUEREN E BOTOCUDO:

HISTÓRICO

Datam da metade do século XVI as primeiras referências aos índios *Aimorés*. Suas incursões belicosas contra as capitanias de Porto Seguro e Ilhéus, destruindo-as e quase despovoando-as pelo temor até o final do século, são mencionadas pelos cronistas da época.

Dominam todo o sertão bahiano e descem ao litoral pelo rio das Caravelas junto a Porto Seguro de onde, segundo Gabriel Soares de Souza, vinham dar assaltos até perto de Tinharé.

Padre João de Aspilcueta Navarro que acompanhou a primeira entrada, de Francisco Bruzza de Spinoza, para explorar o rio Buranhém, Jequitinhonha e São Mateus, em carta datada de 24 de junho de 1555, confirma que *Aimorés* ocupam o sertão entre os rios Jequitinhonha e Pardo.

Ao realizar-se a grande entrada de Salvador Correa de Sá em 1577, ela também encontra *Aimorés* nas imediações do rio Doce, juntamente com outras nações tapuias, como Patachós, Apuraris e Puris.

A julgar por esses informes, os *Aimorés* dominam praticamente todo o sertão da Bahia a Minas Gerais, ocupando ainda a costa desde as capitanias de Porto Seguro e Ilhéus até a Bahia.

Pela mesma época, ao colonizar-se a Bahia, Jaboatam reporta *Guerens* como sendo os donos do Cairú. Teriam, segundo ele, sobrevindo com os *Aimorés* dos Ilhéus, dos quais seriam parentes e também tapuias selvagens como aqueles. Enquanto os *Aimorés* haviam se dirigido para a parte dos Ilhéus e Porto Seguro, os bárbaros *Guerens* tomaram o Cairú, expulsando os moradores e despovoando aquela região por mais de vinte anos.

Segundo os cronistas, o domínio destes *Guerens* se estendia, na época, 600 léguas para o interior, atingindo as imediações do rio São Francisco e a Serra do Salitre. Era inevitável pois que o interesse em estender a colonização ao interior da Bahia, a faixa de terra ocupada ao longo da costa não ultrapassando uma légua para o centro, estreitasse o contato, frequentemente hostil, com as nações indígenas que ocupavam tradicionalmente aquele território. Decide-se atrair os índios aos aldeamentos e, no início do século XVII (1602), há notícias de que o jesuíta Domingo Rodrigues, com outros padres, pacifica os *Aimorés* em Ilhéus. Os índios são aldeados na ilha de Itaparica, mas doenças os dizimam e os sobreviventes se embrenham novamente nas matas.

No entanto, o contato dos jesuitas com os *Aimorés* perdurou em toda a costa, da Bahia ao Espírito Santo, e em 1650 os padres falariam de uma nova cristandade de tapuias.

Enquanto durante o século XVI predominava o termo *Aimorés* para denominar os índios que ocupavam o Recôncavo Bahiano e o interior de Minas Gerais, aparecendo por vezes o nome dos *Guerens* como sendo parentes daqueles, no século XVII começa a ser mencionado com maior frequência o termo *Guerens* ou *Grens* como sinônimo de *Aimorés*.

Pe. Jácome Monteiro em 1610 na *Relação do gentio do Brasil e seus costumes* (apud Serafim Leite, 1949: 406) confirma este consenso: "E há outros que chamam tapuias e mais comumente *Aimurés*, que estão neste espaço de 140 léguas que há da Bahia ao Espírito Santo. A informação que deles tenho é a seguinte: primeiramente, antes deste gentio estar em paz conosco o mesmo era nomear *Guaimuré* a qualquer gênero de pessoa que ameaçá-la com todo o mal; e assim em qualquer parte que aportavam ficavam eles os senhores, porque em continente, lhe despejavam tudo. Chamam-lhes os bichos do mato; de nenhum gênero de gente, nem de armas, tem medo, porque nunca pelejam em campo, senão de ciladas... Dividem-se em várias castas como gentio da terra, chamando-se *Guerem Guerens*, Patutus, Napurus, Craempee, Piiouriis, Coconhum, Brue-Brue, Capajós, Cariris. Mas nenhuma se nomeia pelo de *Guaimuré*, que quer dizer nome mau, ladrão, matador prezando-se todos do nome de *Guerem Guerem*... Entre si andam em perpétuos ódios, dos quais se esquecem quando hão de fazer mal aos portugueses, para o que se confederam e fazem em um corpo, a quem chamam CRENTON, gente de cabelo feio...

Outras referências ao termo *Gren* são feitas nas crônicas antigas citadas por Serafim Leite. Pe. Domingos Monteiro, por exemplo, relata detalhadamente o aparecimento desses índios no Espírito Santo, mencionando ainda em outro documento que no começo do século XVII, apesar das pazes diversas feitas com os *Aimorés*, alguns garfos perturbaram Ilhéus com a mesma denominação de *Aimorés*, ou outra, como *Grens*.

A que atribuir esta aparente sinonímia entre *Aimorés* e *Guerens*(1)?

A julgar pelos relatos da época, os *Guerens* constituem um subgrupo dos *Aimorés*. O caráter nômade, e um traço cultural marcante dos grupos Jê, qual seja o desmembramento em pequenas tribos, bandos ou famílias provocado pela disputa do poder tribal ou necessidade de subsistência, são frequentemente mencionados para ambos os grupos e teriam favorecido o faccionamento da nação *Aimoré* em tribos, uma das quais

(1) O termo designativo para os índios *Guerens* é grafado, segundo os autores e a época, de diversas maneiras: *Guerem Guerem, Guerens, Grem* e *Grens*.

seria a dos *Guerens*.

Esta identidade histórica entre *Aimorés* e *Guerens* parece confirmar-se no emprego do termo CRENTON 'gente de cabelo feio', por ambos os grupos, para denominar os portugueses, pois demonstra que os dois grupos usavam a mesma língua para sua comunicação.

A partir da segunda metade do século XVII, apesar de se registrar ainda esporadicamente o termo *Aimoré*, predomina a denominação de *Gueren* para os grupos hostis aos colonizadores.

Assim Southey relata que, durante a guerra de Pernambuco, reapareceram os *Guerens*; e ainda, que se construiu um forte perto da igreja matriz de Cairú para se protegerem contra os *Guerens*, os quais atacaram a vila em 1668, morrendo o capitão do forte com dois soldados. Em 1673 o governador e principais figuras da capitania, civis e religiosas, "declararam justa e legal a guerra que ia fazer-se aos selvagens dos sertões do Cairú, sendo escravos legítimos quantos nela fossem aprisionados" (Southey, 1862: 301).

O governador da Bahia convidou para essa empresa o famoso caudilho João Amaro que percorreu por duas vezes todos os sertões "ao poente do rio São Francisco e norte dos limites da Bahia, matando e apreendendo selvagens, destruindo-lhes todas as aldeias, e abrindo estradas para estabelecer pelo interior comunicações com aquela capitania... limpando-a tão bem de selvagens, que por mais de meio século se não tornou a ouvir falar deles" (Idem: 302).

Em 19 de setembro de 1680 de novo registram-se atritos com os tapuias na região de Camamú. Índios tapuias prisioneiros declaram que seus restantes companheiros vão incorporar-se aos *Grens* (2) para vingar o assalto; consta que eram mais de setecentos arcos (Accioli, 1925).

Durante toda a primeira metade do século XVIII continuam as hostilidades entre índios e colonizadores, principalmente na região do Cairú e Camamú, embora menos cruéis que no século anterior.

Em 1725, há referências a índios ferozes "que acoitavam o famigerado João Figueira", mais tarde preso (Francisco Vianna, 1893: 624). Accioli apresenta documentos onde se mostra que em 1728 estava destruída a influência de Figueira sobre a tribo dos *Guerens* ou *Grens*.

---

(2) Por essa época é feita uma referência pelo Capitão-mor Manoel das Neves à existência de uma aldeia de índios *Ocrens* (ou *Hocrens)* no rio Salitre (Accioli, 1925). O termo parece linguisticamente relacionado a *Grens* e será mencionado novamente em 1739 (Idem), mostrando um deslocamento do grupo para o interior.

Na época, supunha-se que os selvagens dos sertões estavam mancomunados com os "mansos" das aldeias, onde prosseguia o trabalho dos missionários. Assim consta que a aldeia de Nossa Senhora dos Remédios, no termo da Vila de São José da Barra do Rio das Contas, já extinta em 1757, foi procurada voluntariamente, em 1728, por índios da nação *Grem*. Foram aldeadas aí duas nações da mesma língua, *Grem* e *Pocurunché*. Os índios ficaram nessa aldeia até 1748, quando parte deles passou para a nova Missão de São Fidelis do rio da Una. Pela mesma época, existia ainda outro aldeamento dos mesmos índios, o de Nossa Senhora da Conceição dos índios *Grens*, que antes viviam pelos rios Fundão e Itaípe e traziam no lábio inferior um batoque de madeira.

Na segunda metade do século XVIII observa-se um deslocamento do foco das hostilidades para a capitania de Minas Gerais, onde, em 1760, é fundada a povoação de Pessanha às margens do rio Suaçui, pouco depois atacada por índios *Botocudos*.

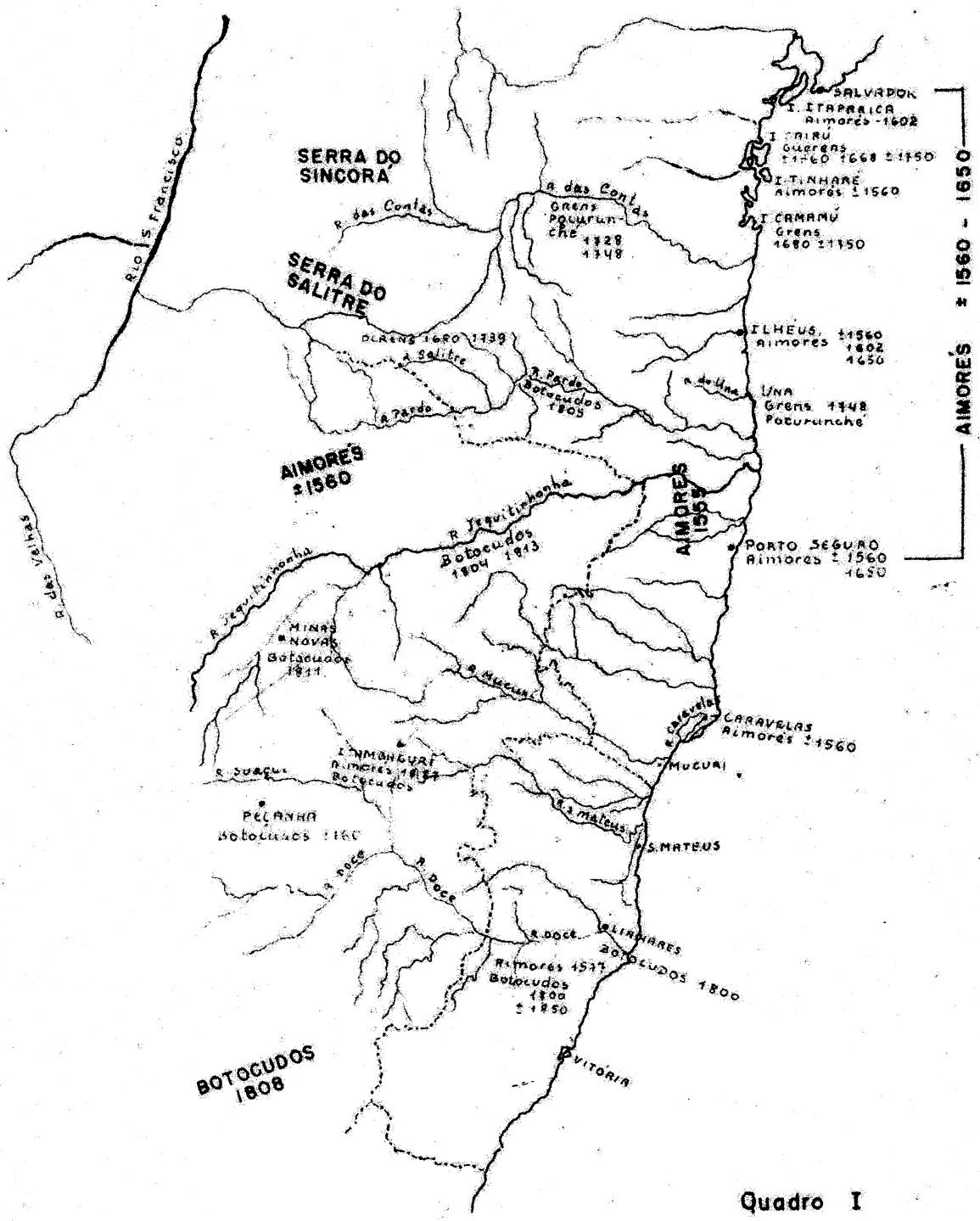
É esta a primeira vez que se faz referência ao termo *Botocudo* para designar tribos indígenas de Minas e Espírito Santo. O termo seria usado daí por diante de forma generalizada até o desaparecimento dos *Botocudos* como comunidades tribais.

Por outro lado cessam quase totalmente as referências aos índios *Guerens* ou *Grens*. A última menção a eles é feita pelo Príncipe de Wied que, em 1816, encontrou no rio Itaípe alguns velhos *Guerens*, remanescentes dos *Aimorés* que habitavam o rio Ilhéus.

Quem seriam então esses *Botocudos?* Descendentes dos *Aimorés* e *Guerens* violentamente afugentados do sertão bahiano nos primeiros séculos da colonização? Nômades por tradição, é provável que eles tenham-se deslocado para o sul e, com o nome de *Botocudos*, estariam disputando no século XVIII, com as demais tribos da área e os colonizadores, o domínio dos territórios de Minas Gerais e Espírito Santo.

A aceitação de uma suposta identidade entre *Aimorés* e *Botocudos* é praticamente unânime nos cronistas do século XIX. Southey menciona que nos sertões de Minas Gerais apareceu a nação outrora tão formidável por nome *Aimorés*, agora chamada dos *Botocudos*. Von Martius identifica *Aimorés* com *Botocudos*, mas engloba na sua classificação o Puri, Coroado e Malali com os vários dialetos *Botocudos*, sob a denominação genérica de *Guerén* ou *Cren*.

Esta identidade cronológica entre *Botocudos*, *Aimorés* e *Grens* é posta em dúvida, no entanto, por Theophilo Ottoni, que considera os *Botocudos* como sendo da raça Tupi. Segundo ele, os Tupi, na retirada do litoral, invadiram e conquistaram a terra dos tapuias (*Aimorés*), esmagan-



Quadro I

Aimorés, Grens

Botocudos

do-os nos seus últimos esconderijos e obrigando-os a procurar os colonizadores sob o nome de Mucunis, Malalis e Machacalis.

Seja como fôr, a análise dos documentos históricos patenteia dois fatos: é bastante limitado o conhecimento dos hábitos e migrações dos grupos indígenas brasileiros no passado, especialmente dos *Aimorés, Grens* e *Botocudos;* e considerações de caráter meramente histórico ou geográfico tornam, pelo menos, temerária qualquer afirmação ou negação da identidade entre estes três grupos.

Resta verificar se foram registrados dados linguísticos que permitam fazer afirmações mais seguras sobre a questão. Ao contrário do Tupi, documentado abundantemente pelos jesuitas, o conhecimento da língua falada pelos *Aimorés* ou *Guerens*, ou por ambos, ficou prejudicado pela quase total ausência de material linguístico. Embora conste na História da Companhia de Jesus que um dos jesuitas participantes da pacificação dos *Aimorés* de Ilhéus, Pe. Domingo Rodrigues, tenha sido "língua", isto é, intérprete de *Aimoré*, não há vestígio ou alusão a qualquer documento de caráter religioso ou linguístico de sua autoria ou de qualquer outra pessoa.

Um item lexical, porém, o termo designativo para os colonizadores portugueses, foi frequentemente documentado desde o século XVI (1610) até o século XX: CRENTON 'cabeça feia' (CREN+TON). Ocorre em vários dos vocabulários registrados a partir do século XIX, sempre com o significado de 'português, civilizado, chefe': CRENN-TONN 'civilizado' (Baêta), KRENETÕN 'gente má' (Rudolph), KRAÎNE-TONE 'chefe' (Renault), CRAY CRENTONE 'português' (Claro Monteiro), CRAHY CRANTONHA 'português' (Marlière). Como o uso da palavra em questão pode ser atribuído tanto a *Aimorés* como a *Guerens*, sendo encontrado frequentemente, até o século XX, nos vocabulários *Botocudos*, parece justificável inferir que tenha existido um elo linguístico entre *Aimorés, Guerens* ou *Grens* e *Botocudos*.

Discordando desta evidência diacrônica, pode-se admitir ainda o argumento do empréstimo linguístico. Os *Botocudos* teriam recebido de alguma outra tribo das imediações, e incorporado a sua língua, o termo CRENTON, estereotipado através dos séculos. No entanto, ao comparar o item lexical em questão com vocabulários dos demais grupos frequentemente mencionados em conjunto com os *Botocudos*, e ocupantes das mesmas áreas, como Pataxós, Malalis, Machacalis, etc., não só não foi encontrada esta denominação para o português, como os elementos componentes do termo CRENTON: CREN 'cabeça' e TON 'feio' não coincidem com nenhuma das línguas circunvizinhas. Por exemplo, na língua Pataxó o termo designativo para 'cabeça' é MAKOHAY; no Malali: AKÖ; no Machacali; ÎMTONHOM; no Macuni: EPOTOI e no Mongoyo: HERÕ.

Por outro lado, em todos os vocabulários do *Botocudo*, desde 1817 (Wied) até 1973 (Emmerich & Monserrat), é registrado KREN para 'cabeça', o mesmo elemento, portanto, mencionado pelo Pe. Jácome Monteiro como de uso dos *Aimorés* e *Grens* em 1610.

Evidentemente é um tanto temeroso tirar-se uma conclusão de caráter diacrônico, com base em apenas um item lexical, mas algumas características formais do *Botocudo* vêm confirmar o acima exposto.

Vê-se, pelos documentos até aqui mencionados, que há duas formas para designar a mesma tribo: *Gueren* ou *Gren*. Ora, este mesmo tipo de alternância é encontrado frequentemente nos Vocabulários da língua *Botocudo*, em palavras como: PRIK e PIRIK 'formiga', KRUK e KURUK 'filho', etc. (Cf. IV Glides vocálicos, p. 38). Quanto a esta última forma, aliás, foi termo que entrou para o léxico corrente dos brasileiros de Minas Gerais e Espírito Santo no século XIX, sob a forma de 'curuca' ou 'curuquinha' para designar as crianças índias capturadas.

Em Wied encontra-se inclusive a alternância KREN e KEREN para designar 'cabeça'.

Um outro elemento linguístico que pode ser útil para melhor precisão do problema sobre a ligação histórica entre *Botocudos* e *Aimorés* é o estudo dos topônimos do sertão bahiano.

As últimas notícias sobre os *Grens* são de que se embrenharam pelos sertões da Bahia. Ora, quando em meados do século XIX se começa a falar de *Botocudos*, o palco dos acontecimentos se encontra mais ao sul, entre os rios Pardo e Doce, sertão adentro. Não há referências a *Botocudos* mais para o centro do estado da Bahia. E no entanto, na região das nascentes do rio das Contas (historicamente habitada por *Aimorés*) se encontra a Serra do *Sincorá*, os lugarejos *Sincorá* e *Sincorá Velho*, bem como o rio *Sincorá*, afluente do mesmo rio das Contas. Pois bem, a palavra SINCORÁ é, sem dúvida alguma, *Botocudo*. Em diversas fontes, linguísticas ou históricas, o termo é encontrado sob esta e outras formas, significando 'fome' ou 'tenho fome': SINCORÁ, SINCORÁNA, CHINGURÁN, SHINCORÁN, etc. (cf. Barbosa D'Almeida, T. Ottoni, Claro Monteiro, entre outros).

Saint-Hilaire, por outro lado, também registra o termo TCHICORÁ, como denominação botânica nativa para o fruto da sapucaia (Lecythis), em áreas habitadas por *Botocudos*, por onde ele passou (Minas e Bahia).

Embora sejam limitados os dados linguísticos até os primórdios do século XIX, as considerações acima parecem suficientes para confirmar o vínculo genético existente entre a língua dos antigos *Aimorés* e *Grens* e a dos *Botocudos*.

A partir desta época se impõe de forma generalizada o uso do termo *Botocudo* e começa a ser documentada a língua falada pelas diversas tribos. Deve-se isso ao número considerável de naturalistas que visitam o Brasil e que, no afã da coleta de espécimens zoológicos e botânicos, se detém para documentar também listas de vocabulários das populações autóctones com que se encontram. Por outro lado, o crescente deslocamento do litoral para o interior, principalmente de Minas Gerais e Espírito Santo, provoca um maior contato, conhecimento e consequente interesse em documentar os falares nativos ágrafos.

Em 1800 é estabelecida a povoação de Linhares à margem do rio Doce, como parte do plano de povoamento do rio Doce. Diversos outros quartéis e destacamentos vão sendo criados ao longo do rio.

Em 1804 o rio Grande de Belmonte (Jequitinhonha), principal reduto dos *Botocudos*, é subido, pela primeira vez, até a Vila do Fanado em Minas Novas.

Embora no século XIX os *Botocudos* se concentrem ao longo dos rios Doce, Mucuri e São Mateus, Southey ainda registra a presença dos mesmos, na Bahia, em 1805. Nessa época, sob a administração do Conde dos Arcos, como Vice-Rei, empreendeu-se uma expedição contra os selvagens da capitania de Ilhéus, seguindo o rio Pardo até sua barra, abrindo estradas e picadas. Foram encontradas aldeias de Mongóyos, inimigos dos *Botocudos*, que se aliaram aos portugueses. Também encontraram e destruiram uma aldeia de *Botocudos*. Consta que todo o rio Pardo era povoado por *Botocudos*.

O contato entre índios e colonizadores na província de Minas Gerais se caracterizou sempre pela belicosidade.

Em abril de 1808 os *Botocudos* atacaram o destacamento aquartelado no Porto de Souza. Esse episódio foi usado como pretexto para a aplicação da Carta-Régia, determinando guerra ofensiva contra os índios, que não trouxe os resultados esperados. Os soldados não queriam lutar, exageravam o poder dos índios, desertavam. Os índios continuaram aparecendo, chegando até os lugares mais próximos da capital, atingindo mesmo Carapina. Atacavam igualmente as fazendas situadas às margens do rio Santa Maria, chegando quase às portas da Vila de Vitória de onde foram repelidos.

Em 1813 fez-se um contato pacífico com os *Botocudos* do Jequitinhonha e, em consequência, seis postos militares foram estabelecidos rio acima: os quartéis dos Arcos ou Cachoeirinha, do Salto, do Estreito, da Vigia, de São Miguel e dos Tucaihós de Lorena.

O Príncipe de Wied em 1816 visita os *Botocudos* do Jequitinhonha. De sua permanência entre eles resultou um relato minucioso e uma do-

cumentação linguística extensa, que serviram de fonte para muitos dos autores posteriores. Ao tempo da viagem de Wied, no rio do Prado já não havia remanescentes dos *Aimorés* aí referidos no século anterior. A região era agora habitada por Pataxós e Machacalis. O mesmo relata ele de Porto Seguro: "não havia mais índios na época; a região do Corumbau se tornara deserta por causa dos *Botocudos* que viviam na área paralela à costa e dela distante muitos dias de viagem, entre 15 e 19 1/2 graus de latitude sul, entre o rio Pardo e o rio Doce, mantendo-se em comunicação entre os dois rios, ao longo das fronteiras de Minas Gerais" (Wied, 1958: 284). Embora Wied, pessoalmente, não tenha travado contato com os *Botocudos* de Minas, êle teve conhecimento da existência deles em todo o rio Doce, até as nascentes, e nas matas do rio Mucuri.

A partir de Wied os *Botocudos* passam a ser melhor conhecidos e sua língua repetidamente documentada. As diversas tribos da nação *Botocuda* são mencionadas pelos seus nomes tribais e o termo *Botocudo* figura apenas para designar o grupo de forma genérica.

Em 1817, o naturalista francês Saint-Hilaire viaja pelos rios Jequitinhonha e Doce. Ele se refere ao início das relações estáveis entre os habitantes de Minas Novas e os *Botocudos* como datando de 1811, provocadas por Julião no quartel de São Miguel no Jequitinhonha. Julião era o comandante do destacamento e com sua saída retiraram-se os *Botocudos*, desgostosos. Ao tempo de Saint-Hilaire, Julião havia reassumido seu posto em São Miguel. Veio então estabelecer-se aí o capitão Joahima com toda sua tribo. Julião avaliava em dois mil indivíduos a população indígena do rio Jequitinhonha.

Saint-Hilaire menciona como sendo *Crecmun* os índios do Jequitinhonha e rio Doce.

A presença de Guido Marlière, inicialmente na sua função militar e, a partir de 1824, como Diretor Geral dos Índios de Minas Gerais, teve considerável repercussão sobre o relacionamento entre os indígenas e a população da área.

No rio Doce, Marlière encontrou grande número de *Botocudos*. Na margem norte estavam, na época, os *Nacnenuc*. Entre a maioria das tribos da parte meridional vigorava a auto-denominação *Cracmun*, chamados por vezes também de *Pejaurum*. Eram grupos que se hostilizavam mutuamente. Com o auxílio de Pocrane, chefe de aldeia do Manhuaçu, no Cuieté, Marlière conseguiu reconciliar as tribos inimigas dos *Nacnenuc* e *Cracmun*.

Em 1836, o engenheiro Renault percorre os vales dos rios Mucuri, Jequitinhonha, Todos os Santos, Preto e Doce, encontrando grupos *Nak-*

nenuk e *Jiporoca* no Mucuri, *Craquemú* no Jequitinhonha e *Crenaque* no rio Doce.

Em 1845, Barbosa D'Almeida sobe em expedição o rio Mucuri. Poucos, até então, tinham chegado ao rio Preto, por medo dos índios. A expedição só foi até a primeira cachoeira, a noroeste da vila de Mucuri. Descendo novamente o rio, encontraram-se com os *Giporoc*, estabelecendo contato amistoso. No morro da Arara, junto à lagoa de São Caetano, foi escolhido o lugar para o futuro aldeamento dos índios e a colônia militar. Do morro da Arara para cima havia somente índios Puri e Pataxó, segundo os primeiros moradores. Dizia-se que todos obedeciam ao capitão *Jiporoco*. Ainda além, havia uma tribo de *Botocudos* em luta com estes.

Desde os tempos de Guido Marlière, o contato com os *Botocudos* no rio Doce se tornara menos belicoso, conforme relatam Barbosa D'Almeida e principalmente Theophilo Ottoni, diretor da Companhia Mucuri. Segundo ele, os selvagens, que a princípio relutavam em aparecer, agora a cada canto surgiam por centenas. De Todos os Santos para Santa Clara registrou *Nackenenucks*, *Pochejás*, *Giporocks* bravos e *Giporocks* mansos, inimigos irreconciliáveis uns dos outros, que se dilaceravam e exterminavam entre si.

Theophilo Ottoni havia feito sua primeira viagem ao Mucuri em 1847. Teve contato com várias tribos: os *Pojichá*, no rio Todos os Santos e os *Giporock*, no rio Urucu. Dos *Porohum*, diz que viviam próximos a Santa Clara e alguns em São Mateus. Os *Bakuês* estavam igualmente nas cercanias de Santa Clara.

Ao tempo de Ehrenreich, em 1884, o território dos *Botocudos* estava reduzido a um quadrado formado pelos rios Doce, Mucuri, Suaçui Grande e São Mateus.

De conhecimento da descrição detalhada do Príncipe de Wied sobre os *Botocudos*, dos dados informativos de Saint-Hilaire e de vários outros, pareceu importante a Ehrenreich controlar as observações por vezes contraditórias dos diferentes autores com base em observações próprias e fornecer uma descrição monográfica desta nação usando todo o material existente na época. Retoma o trabalho de Tschudi, que havia procurado fazer uma enumeração precisa das tribos e bandos *Botocudos* informando sobre sua distribuição dentro das províncias de Minas, Espírito Santo e Bahia com base nos dados de Theophilo Ottoni e nos relatórios oficiais, e atualiza-o com observações próprias e dados dos relatórios da sua época. Segundo Ehrenreich, por ocasião de seus levantamentos, a nação dos *Botocudos* se constituía dos seguintes grupos principais: *Naknenuk*, *Nak-erehä*, *Etwet*, *Takruk-krak* e *Ńep-Ńep*. Cada um deles se subdividia em grupos menores denominados por um chefe atual ou antigo, de prestígio. Ademais era frequente a denominação de um

grupo por topônimos, o que permite supor que o mesmo grupo tivesse mais de um nome, dado o seu caráter nômade. Este fato contribui para explicar a variedade de nomes encontrados nos documentos para designar os diversos sub-grupos *Botocudos*. Sobretudo a partir do século XIX, quando a penetração da região habitada tradicionalmente por esses índios se torna intensiva, começam a surgir uma infinidade de nomes tribais, provavelmente por ser maior o seu faccionamento em pequenos grupos ou famílias.

Ehrenreich faz suas observações pessoais principalmente entre os grupos do médio rio Doce e de seus afluentes: os *Naknenuk*, no aldeamento de Mutum e os *Nak-erehä*, no Guandu e Manhuaçú. Ambos praticamente não haviam permitido o contato anteriormente, dada sua atitude hostil.

Em 1885, apenas dez aldeamentos são reportados pelo Diretor Geral dos Índios: do Cuieté, da Glória, Manhuaçú, Suruby, do Rio Verde, do Rio Grande, de São Miguel no Jequitinhonha, de Philadelphia (Teophilo Otoni), de São Januário do Ubá e o da estrada do Pessanha no Espírito Santo.

Na segunda metade do século XIX reacendem-se as hostilidades entre índios e brancos, e os índios se embrenham cada vez mais nas matas.

Em 1861, o Governo Imperial solicita a presença de um missionário em Philadelphia, no vale do Mucuri, para pacificar os índios. Os capuchinhos, que desde a saída dos jesuitas cada vez mais haviam estendido seu trabalho à catequese dos índios, são convidados para esta tarefa. Quando finalmente Frei Serafim de Gorizia funda o aldeamento de Itambacuri em 1873, ele informa que os índios encontrados nas florestas, mais de mil, eram restos de *Botocudos* e *Aimorés*. No início do aldeamento várias tribos acorreram imediatamente, mas só algumas permaneceram. A maior parte regressou às matas vizinhas à cidade de São Mateus. Em 1880, no relatório feito ao governo, Frei Serafim informa que ainda havia duas aldeias indígenas na circunscrição: uma, a da tribo do capitão *Pojichá*, com cerca de dois mil índios, às margens do rio São Mateus; a segunda, com oitenta indivíduos, chamada de *Urucu*, vivia nas margens do rio Todos os Santos.

Em 1887, Itambacuri atinge o auge de seu desenvolvimento com mais de mil índios, restos da tribo *Aimorés* (Palazzolo, 1945). Em 1893, instigada pelos inimigos do aldeamento, há uma revolta dos índios na qual os *Pojichá* se recusam a participar. Em fins daquele ano restavam apenas cerca de duzentos índios no aldeamento. Pouco a pouco foram retornando das florestas onde haviam se refugiado. Em 1912, ao se criar o distrito de Itambacuri, município de Teófilo Otoni, a população era de

aproximadamente doze mil pessoas; de índios e mestiços havia quatrocentos e noventa e seis (Idem, 1945).

Em 1898, por ocasião da criação da diocese do Espírito Santo, Monsenhor Claro Monteiro do Amaral viaja pelo rio Doce ficando entre os *Botocudos* mansos por mais de um mês. É de sua autoria o vocabulário *Nak-Nhapmã* onde faz alusão à existência de três tribos de *Botocudos* na diocese do Espírito Santo: os *Gut-Krak* entre a serra dos Aimorés e o rio *Mutum;* os *Nak-Nhapmã* entre o rio Mutum e o Pancas e os *Miñãjirũ* nas matas do Pancas.

No século XX a situação dos remanescentes *Botocudos* está suscintamente descrita por Maria de Lourdes de Paula Martins nas Preliminares do Vocabulário Português-Botocudo do Mons. Claro Monteiro. Menciona ela que "em fins do século passado, grandes zonas florestais compreendidas entre o Mucuri e o Doce continuavam desconhecidas. Quando, em 1910, foi criado no Rio de Janeiro o Serviço de Proteção aos Índios, a margem esquerda do rio Doce até o braço sul do São Mateus era habitada quase exclusivamente por índios hostis. Nesse ano, haviam-se registrado dois ataques seus: um, à turma dos engenheiros que trabalhavam no Guandu, outro, à fazenda e colônias de Nova Venécia e Pepinuque no rio São Mateus.

Datam dessa época os postos federais de Pepinuque no braço sul do rio, e Pancas, próximo à serra dos Aimorés, à margem do rio Pancas, afluente do rio Doce.

Em Pepinuque estabeleceram-se, a princípio, os *Botocudos* da tribo *Jiporók* e em Pancas os da *Miñãjiru,* mas os dois postos concentraram-se posteriormente em Pancas.

Em 1926, os *Botocudos* dividiam-se entre Pancas e Guido Marlière, onde se haviam aldeado vinte e dois *Botocudos* do grupo *Crenac.* Apenas neste podiam-se ver ainda indivíduos idosos que conservavam o seu botoque" (M.L. Paula Martins, 1948: 8-9).

Em relatório à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios, no ano de 1912,. o inspetor Antonio Estigarribia menciona estes *Crenac* como sendo os habitantes originários das matas do norte do rio Doce, adjacentes ao vale do Eme, e considera-os como a parte mais poderosa e atrasada do grupo *Gutecrac.* Faz menção ainda a índios remanescentes de diversas línguas, nas florestas entre o rio Doce e São Mateus: *Pancas, Munhangirens, Nac-herehé, Nac-na-nuc, Incut-crac.* No Posto de Pancas estavam cerca de cinquenta índios, os demais viviam dispersos em território mineiro.

Muito provavelmente os *Gutecrac* mencionados por Estigarribia são idênticos com os *Botocudos de Natividade do Manhuaçú* na frontei-

ra entre Minas e Espírito Santo e os *Botocudos da Lapa* em Minas Gerais, próximos a Manhuaçú, citados por Von Ihering em 1911. Ele menciona ainda a existência de *Minhagiruns* no rio Pancas e fornece um dado relevante qual seja o nome do cacique da Lapa: *Crenac*, o que nos leva a supor que todo o grupo teria este nome, identificando-se assim os *Gutecrac* com os *Crenac* o que, alguns anos mas tarde, seria confirmado em bases linguísticas por Curt Nimuendaju.

Ainda nesta época encontramos alguns fatos ilustrativos sobre os *Botocudos* de Minas Gerais e Espírito Santo no trabalho de Humberto de Oliveira: *O Índio do Brasil* (1935). Ele cita as seguintes tribos pacificadas: *Manhongiruns*, no rio Doce (Espírito Santo), *Crenacs*, no rio Doce (Minas Gerais), *Giporocas*, no rio São Mateus (Espírito Santo) e *Mac-Nhep*, no rio Mucuri.

Em 1939, Nimuendaju registra um total de sessenta e oito indivíduos no Posto Guido Marlière, remanescentes dos grupos *Naktún, Nakpie, Čonvugn, Miyã-yirúgn* e *Nakrehé*. Em Itambacuri, no mesmo ano, encontrou dez índios entre *Naknyanúk, Aranã* e *Poyičá*.

Os *Naknyanúk* mencionados por Curt Nimuendaju viviam originalmente na região do alto rio Mucuri, os *Aranã* nos tributários do rio Suaçui, os Poyičá em ambas as margens do médio Mucuri, desde o rio São Mateus até o Jequitinhonha; os *Naktún, Nakpie* e *Čonvugn* estavam antes na margem norte do rio Doce em Minas Gerais. Os *Minyã-yirúgn* vieram da região do rio Pancas no Espírito Santo e os *Nakrehé* da margem sul do rio Doce.

Em 1940 surtos de impaludismo endêmico reduziram a população do Posto de Pancas. Este fato, acrescido a um período de dificuldades orçamentárias do S.P.I., levou os índios a solicitarem transferência para outro local. Extinguiu-se assim o Posto de Pancas. Parte deste grupo transferiu-se para o Posto Guido Marlière e em 1942 havia aí cinquenta e nove indivíduos da tribo *Crenac*. Muito provavelmente os *Nakrehé* mencionados por Nimuendaju em 1939 são os mesmos *Crenac* citados por M.L. Paula Martins.

Em 1958, a linguista Loraine Bridgeman do Summer Institute of Linguistics registrou a língua de dois falantes de *Nakrehé* e, finalmente, em 1973 e 1974, as autoras deste trabalho tiveram a oportunidade de registrar o que três velhos *Botocudos* de Itambacuri lembravam da língua que em sua infância ainda era falada regularmente na região. Embora bastante reduzida a memória tribal, todos recordavam os tempos do aldeamento e se revelaram informantes desejosos de compartilhar o que restava da sua língua nativa. Um deles, Zé Pereira, particularmente cioso e alfabetizado, tinha transcrito todas as palavras de que se lembrava em grafia portuguesa, conforme mostra o documento anexo (Quadro II).

Como se pode ver, as informações sobre os *Aimorés, Grens* e *Botocudos,* ao longo dos séculos em que com eles se teve contato, são numerosas, embora nem sempre coerentes e sistemáticas.

Um fato salta aos olhos, sobretudo a partir de meados do século passado. É o da infinidade de nomes tribais atribuídos à nação dos *Botocudos,* a outrora grande nação dos *Aimorés.*

Sem dispormos de dados precisos sobre sua estrutura social, seus hábitos e costumes, torna-se realmente difícil identificar entre a variedade de grupos mencionados aqueles mais proximamente aparentados entre si.

Os nomes tribais dos diversos sub-grupos pouco ajudam para desvendar esta incógnita. Sabemos que eram frequentemente auto-denominações de caráter toponímico ou decorrentes de um nome de chefe. A situação é realmente um tanto caótica, se considerarmos que entre todos estes bandos ou tribos não existia considerável diferenciação linguística.

O Quadro III mostra a distribuição geográfica dos numerosos grupos *Botocudos,* segundo as citações dos vários autores.

Como explicar esta vasta fragmentação tribal e a decorrente multiplicidade de nomes, se se tratava de grupos cultural e linguisticamente tão estreitamente vinculados?

Talvez as considerações seguintes ajudem um pouco a aclarar a situação:

a) tratava-se de grupos nômades por tradição, fato que favorecia consideravelmente sua constante subdivisão;

b) pertenceram à ampla sociedade Macro-Jê, que apresenta como um traço cultural o frequente faccionamento em subgrupos, bandos ou famílias;

c) eram frequentemente afugentados do seu território tradicional, o que muito provavelmente contribuiu para sua localização geográfica assistemática.

Diante destes fatos, haverá algum critério seguro para restabelecer o elo original dos vários grupos entre si? Ehrenreich fez uma tentativa neste sentido, concluindo pela existência de cinco grandes grupos Botocudos, em fins do século passado.

Dada a existência de fontes linguísticas relativamente abrangentes, parece-nos válido tentar, mediante uma análise linguística, identificar o que existiu de comum ou divergente entre as várias tribos do ponto de vista do idioma e determinar, caso os dados existentes o permitirem, se havia dialetos configurados.

II. ANÁLISE DAS FONTES LINGUÍSTICAS

Se levarmos em conta o cunho hostil que sempre marcou a situação de contato, o número de documentos de caráter linguístico sobre os grupos *Botocudos* é bastante considerável. São quase todos apenas vocabulários e foram coletados, sobretudo os primeiros, por naturalistas europeus.

Para o presente trabalho foram examinados 28 vocabulários, alguns deles já mencionados por outros autores, vários outros inéditos ou de autores desconhecidos. Apenas alguns poucos não foram localizados, entre os quais o de Philipp von Luetzelburg, botânico, que em 1916 esteve entre os Nac-ne-nuc, no Espírito Santo, e o *Vocabulário Português-Pojichá e o Inverso* de Álvaro Astolpho da Silveira, mencionado pelo engenheiro Alves Baêta, também autor de um vocabulário botocudo.

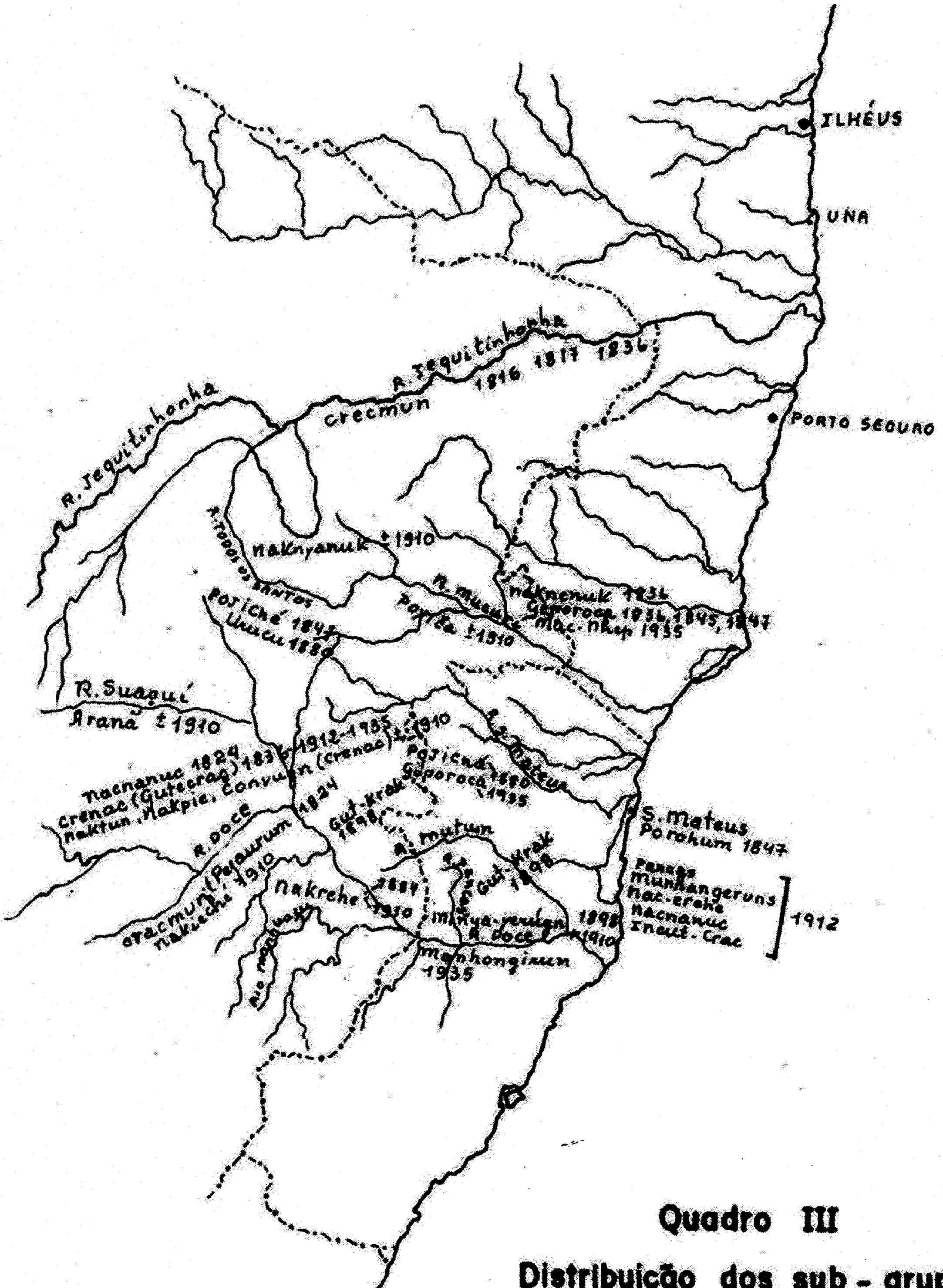
O caráter heterogêneo das diversas fontes exige uma breve apreciação de cada um deles. É preciso ter em mente que, para efeito de uma análise linguística, deve ser atribuído às diferentes fontes o valor condizente a sua precisão fonética, caracterização tribal e identificação cronológica. Com base nestas considerações, as fontes foram divididas em três grupos. No primeiro estão, por ordem cronológica, os documentos que registram um mesmo dialeto (Vocabulários 1 a 16 e 27), independente do seu número de itens lexicais. A seguir são analisados os vocabulários que contém dois ou mais dialetos (17 — 24) e o terceiro grupo é constituído de fontes que reproduzem vocabulários de autores anteriores (25 — 28).

Serviram de base para as considerações fonológicas (cf. III) os vocabulários do primeiro grupo. Os demais foram utilizados apenas para as considerações gerais sobre a língua e o estabelecimento do inventário sonoro global.

Vocab. (1) Maximilian, Prinz zu Wied-Neuwied, *Reise nach Brasilien*, 2 vols., Frankfurt, 1821; e *Viagem ao Brasil nos Anos de 1815-1817*, Companhia Editora Nacional, 2.ª ed., São Paulo, 1958.

Devemos ao Príncipe de Wied a primeira documentação linguística do *Botocudo*. Ele coletou um extenso vocabulário, com cerca de 450 itens lexicais, entre os índios do Rio Grande de Belmonte, atual Jequitinhonha, no ano de 1816. Wied revela notável percepção linguística e, comparado a autores posteriores com maior preparo fonético, ele impressiona pelo registro preciso e minucioso dos dados.

Como era praxe na época, os viajantes, sem disporem de um alfabeto especializado, remetiam suas transcrições a línguas indo-européias



Quadro III

Distribuição dos sub - grupos Botocudos

de seu conhecimento. Wied grafa sempre um "fr." quando a palavra se assemelha à pronúncia francesa, assinalando que todas as outras, em que não houver observações especiais, são pronunciadas como o alemão.

Discute também a identidade dos índios denominados *Aimorés, Aimborés* ou *Amburés* com os *Botocudos* afirmando: "que os *Aimorés* são os *Botocudos* de hoje, é não somente verossímil, como se exprime Eschwege, mas absolutamente certo" (Vol. II, 283).

(1a) Maximilian Alexander Philipp Wied-Neuwied, *Acréscimos, correções e notas à descrição de minha viagem pelo leste do Brasil,* traduzido do original alemão e anotado por Olivério Mário de Oliveira Pinto, CNPq, 1969.

Esta obra é publicada por Wied em aditamento a sua grande obra *Viagem pelo leste do Brasil,* levado pela preocupação de retificar algumas determinações científicas de espécimens botânicos e zoológicos. Esclarece também nela certas afirmações suas, criticadas por Saint-Hilaire, que teve em mãos a versão francesa do livro de Wied, a qual, segundo o próprio autor, foi traduzida com muitas incorreções.

Como apêndice ao trabalho, ele acrescenta *Algumas retificações aos vocabulários dos indígenas do Brasil* contendo uma relação de 37 itens lexicais corrigidos, acompanhada da seguinte justificativa: "quero ainda melhorar aqui a pronúncia de algumas palavras botocudas" (p. 78-9).

Esta precisão dos dados linguísticos foi possível a Wied por ter levado para a Alemanha um índio botocudo, Quäck, com quem posteriormente conferiu e completou suas anotações, compiladas e publicadas por Röder e Trimborn.

(1b) Josef Röder & Hermann Trimborn, *Maximilian Prinz zu Wied, Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens,* Bonn, 1954.

Os autores reuniram, entre outras, todas as anotações linguísticas de Wied, tanto as constantes na *Viagem* como as do seu *Diário,* sendo este o mais completo documento sobre suas coletas linguísticas. As palavras de uma e outra fonte foram assinaladas, respectivamente, permitindo assim uma visão global e cronológica dos seus registros.

Vocab. (2) Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais,* Brasiliana, Série V, Vol. 126, São Paulo, 1938.

Este naturalista francês esteve no Brasil ao mesmo tempo que Wied, embora não tivesse feito exatamente o mesmo percurso. Saint-Hi-

laire esteve com os índios *Botocudos* do rio Doce e Jequitinhonha, registrando um pequeno vocabulário de 37 itens em São Miguel, no afluente de mesmo nome do rio Jequitinhonha.

Ele documentou alguns traços da língua que não haviam sido observados por Wied, como por exemplo a oclusão glotal.

Quanto à identificação das diversas tribos *Botocudos*, ele nos informa que "os próprios *Botocudos* dão-se a si mesmos vários nomes; existe, porém, um: o de *Crecmun* que se encontra, com algumas modificações, tanto às margens do Jequitinhonha como do rio Doce" (p. 130). Segundo ele, todos falavam o mesmo idioma e tinham costumes semelhantes, sem no entanto constituírem uma nação unida por um só governo.

Vocabs. (3, 18) Pierre Victor Renault, *Deux Vocabulaires de la langue des Botocudos* (1836) *in Expédition dans les Parties Centrales d'Amérique du Sud* (1843-47), Francis de *Castelnau*, Vol. V, Paris, 1852.

O primeiro Vocabulário de Renault: *Langue des Nak-Nanuks (habitants des montagnes)* consta de 274 itens lexicais, em botocudo e em francês, com grafia francesa. O segundo: *Langue des Jüporocas, Boutourounas et Craikmouses* contém 458 itens, igualmente com tradução e grafia francesas. Para estudos dialetais somente o primeiro deles pode ser utilizado, visto que o segundo não discrimina os dialetos que registra. No final dos vocabulários há uma nota de Renault onde ele dá informações preciosas, embora leigas, sobre a pronúncia e certos aspectos gramaticais da língua.

Vocab. (4) Hermenegildo Antonio Barbosa D'Almeida, *Viagem às Villas de Caravellas, Viçosa, Porto Alegre, Mucury, e aos rios Mucuri e Peruype*, 1845; reproduzida na *Revista Trimensal de História e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, VIII*, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1897.

O Vocabulário de Barbosa D'Almeida consiste de uma pequena lista de 43 palavras, da língua falada pelos *Botocudos* do Mucuri. Segundo o autor, essa língua é "muito resumida: falam sempre quase cantando, e para dizerem *sim* ou darem a entender que percebem o que se lhes diz, e que estão com toda a atenção, abrem a boca, absorvendo o ar com violência, o que produz um som gutural".

Havia diversas bandeiras (grupos) de índios, segundo o autor, "algumas com mais de mil arcos, com capitães diferentes, mas todas obedecendo ao capitão *Giporoco*". Assim, o dialeto registrado por Barbosa D'Almeida é provavelmente o mesmo *Jiporoca, Giporoca*, Jiporok, etc.,

de outros autores. Embora muito reduzido, o vocabulário é importante porque permite a comparação com outros dialetos.

Vocab. (5) França Leite, *Vocabulário dos Botocudos do Aldeamento do Mutum* in *Revista da Exposição Anthropológica Brasileira*, Rio de Janeiro, 1882.

O Vocabulário de França Leite consiste em uma lista de 98 palavras, mais 8 frases soltas. Sabe-se que o dialeto registrado é o *Naknanuk* por uma das frases em que, para a sentença 'eu sei falar a língua dos Botocudos' temos a seguinte correspondência na língua nativa: NHIC ÁUM NACKIANUC JAGY. A grafia utilizada é a portuguesa. Uma informação constante em nota de pé de página do Vocabulário de França Leite dá idéia do seu zêlo no registro dos dados: "O distincto indianólogo, por um escrúpulo todo scientífico, conferio este glossário com os índios da Exposição, em presença dos Drs. Ladisláo Netto, Lacerda, Pizarro e Mello Moraes Filho". (p. 19).

Vocab. (6) Claro Monteiro do Amaral, *Vocabulário Português-Botocudo*, Museu Paulista, Boletim II, Documentação Linguística, 2, São Paulo, 1948.
Organização, prefácio e notas de M.L. de Paula Martins.

A organizadora desse trabalho, Maria de Lourdes de Paula Martins, mostra que o manuscrito de Monsenhor Claro Monteiro do Amaral registra o dialeto *Botocudo* da tribo *Nak-Nhapmã*, de índios acessíveis, que habitavam as matas entre o rio Mutum e o Pancas (cerca de 100 indivíduos), em 1898-9. Claro Monteiro serviu nesta época na diocese do Espírito Santo, que abrangia territórios compreendidos entre o Mucuri, ao norte, e o Itabapoana, ao sul, do Atlântico ao rio Preto e à Serra dos Aimorés, onde viviam tribos *Botocudas*.

Sobre o Vocabulário que contém 1.161 itens lexicais, com tradução e grafia portuguesas, M.L. de Paula Martins diz o seguinte: "É um trabalho volumoso em relação aos demais vocabulários *Botocudos*. Recomendam-no a exemplificação, com notas, embora às vezes discutíveis; a indicação de alguns dos termos adaptados, que informam sobre processos de assimilação da língua; cuidados ortográficos convencionados e nem sempre observados, mas que pormenorizam a interpretação fonética; e um pequeno apêndice de frases soltas, onde se surpreendem aspectos rudimentares da sintaxe da língua" (p. 12-13).

Vocab. (7) Antonio Carlos Simoens da Silva, *A Tribu dos Indios Krenaks (Botocudos do Rio Doce)* in *Anais do XX Congresso Internacional dos Americanistas*, p. 65-84, Rio de Janero, 1924.

"Contém o mesmo cento e sessenta e cinco termos (165), todos de uso vulgar e constante, em sua maioria de pronúncia aspirada e nasal,

tomados pelo autor às margens do poético Rio Doce, nos limites dos Estados de Minas Geraes e Espírito Santo, no anno de 1918. Não só os próprios índios davam a conhecer o que significava cada palavra, que era logo anotada, como o intérprete do Serviço de Protecção aos Índios, destacado em Collatina, e alli, na occasião, confirmava, ou melhor, explicava" (p. 77).

A grafia do vocabulário é predominantemente portuguesa, embora a vogal não-anterior, não-alta, não-arredondada, [ë] na convenção do presente trabalho (cf. p. 28), seja às vezes representada como os franceses o fizeram, como *eu;* da mesma forma, a vogal não-alta, não-anterior, arredondada, [ó] na nossa convenção, como *au.*

Vocabs. (8 - 12) Curt Nimuendaju, *Über die Botocudos,* Manuscrito inédito, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1939.

No tomo III do material linguístico inédito de Nimuendaju, p. 80-111, depositado no Museu Nacional, o autor faz um breve estudo sobre os remanescentes dos índios *Botocudos* que ele encontrou em Itambacuri e nos Postos Indígenas Guido Marlière e Pancas. Seu trabalho abrange dados etnográficos, linguísticos e algumas lendas.

A contribuição linguística é constituída de 5 vocabulários e algumas frases do *Nakrehé* (339 itens), *Nakpié* (37 itens), *Araná* (46 itens), *Potén* (223 itens) e *Minyãyirún* (37 itens). Os dois primeiros foram coletados no Posto Guido Marlière, o *Aranã* e *Potén,* em Itambacuri e o *Minyãyirún,* no Posto Indígena de Pancas. Acrescenta ainda uma tabela comparativa, de 37 itens lexicais, dos dialetos acima mencionados.

A grande sensibilidade e precisão linguísticas do autor tornam seus dados em fontes das mais seguras para o estudo do *Botocudo.*

Lamentavelmente na ocasião em que Nimuendaju documentou a língua destes remanescentes, em 1939, o número de informantes já era muito reduzido e já não viviam mais no seu habitat original. Dados a este respeito e sobre suas migrações anteriores foram obtidos pelo autor e permitem situá-los historicamente (cf. Quadro III).

Vocabs. (13-14) Loraine Bridgeman, *Questionário de Material Linguístico para o Arquivo de Línguas Vivas. Língua Nakrehé,* Summer Institute of Linguistics, Manuscrito inédito no Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1958.

Em 1958, Loraine Bridgeman, pesquisadora do Summer Institute of Linguistics, coletou dados linguísticos com dois falantes de *Nakrehé* que residiam no Posto Indígena Vanuire. O questionário contém 340 itens lexicais preenchidos. Um dos informanes era índio Maxacali, porém falante nativo de Nakrehé. Com ele obteve igualmente os dados (223 itens

lexicais) para o questionário de Swadesh "Amerindian Non-Cultural Vocabulary", com um total de 253 itens.

Com o outro informante *Nakrehé*, procedente do Posto Indígena de Mariana, preencheu o questionário já referido de Swadesh.

Trata-se da primeira documentação linguística do *Botocudo* feita por linguista profssonal, daí seu grande valor.

Vocabs. (15-16) Charlotte Emmerich & Ruth Monserrat, *Notícia sobre remanescentes dos índios Botocudos no Estado de Minas Gerais, inédito*, Museu Nacional, 1973.

Em 1973 e 1974 as autoras do presente trabalho, informadas da existência de remanescentes *Botocudos* no município de Itambacuri, Minas Gerais, estiveram naquela localidade a fim de contatar possíveis informantes. Havia somente três velhos: Zeferina da Rocha Potén, de 83 anos, Zé Pereira, com cerca de 60 anos, que veio a falecer no ano seguinte. Do outro informante, Chico Bugre, obtivemos informações escassas, visto ter ele esquecido, quase totalmente, a língua indígena. Com Zeferina foi-nos possível coletar cerca de 170 itens lexicais, que ela lembrava, e umas duas dezenas de frases soltas. Dizia-se pertencente ao grupo *Pojichá*, mas seu nome é *Potén*, denominação de outro grupo *Botocudo*. Zé Pereira dizia-se igualmente *Pojichá*. Com ele conseguimos elicitar 112 palavras. Além disso, ele forneceu-nos uma lista de 99 palavras, escritas de próprio punho (cf. Quadro II).

Vocab. (17) Guido Tomás Marlière, *Vocabulário da língua dos Botocudos — tribos chamadas de Krakmun, Pejaurun e Naknenuk das vertentes do Rio Doce e Jequitinhonha*, Abelha do Itaculumi, Ouro Preto, 1925; e *Vocabulário português-botocudo*, Manuscrito inédito, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1935.

O capitão Guido Tomás Marlière, francês de nascimento, foi Diretor Geral dos Índios da Província de Minas Gerais por diversos anos, desde 1824. Em 1825 publica na *Abelha do Itaculumi* um vocabulário da língua dos *Botocudos* — "tribos chamadas de *Krakmun*, *Pejaurun* e *Naknenuk* das vertentes do Rio Doce e Jequitinhonha". No mesmo jornal publica o seu *Ensaio sobre as Línguas* (*Língua Botecuda*), onde apresenta alguns paradigmas gramaticais (pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, advérbios) e listas de itens lexicais, agrupados por campos semânticos (cores, partes do corpo, números, graus de parentesco, partes do armamento, etc.).

Em 1835 dá entrada na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional um manuscrito desse autor, um vocabulário português-francês-botocudo, constante de 763 termos, datado de 4 de fevereiro de 1833. É praticamente o mesmo vocabulário publicado no *Abelha de Itaculumi*, embora

mais ampliado, e com algumas variantes para certas palavras. O trabalho é fruto do seu contato direto com os índios durante muitos anos, e de seu registro pessoal. A grafia é basicamente a portuguesa, com alguns sons representados segundo a grafia francesa: *eu, êu* para [ë]; *ay, ei* para [é]. A aspiração é representada por *h* geralmente, às vezes pelo *j* da pronúncia espanhola. É um vocabulário bastante extenso e valioso, mas infelizmente não distingue o que pertence a cada dialeto do que é comum a todos os que ele registrou, o que o invalida para estudos dialetais.

Vocab. (18 — cf. 4)

Vocab. (19) Marcus Porte, *Vocabulário dos Botocudos* in *Bulletin de la Société de Geographie*, Vol. VI, 1846. Reproduzido na *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, Tomo II, Parte II, por Jomard.

Este vocabulário consta de 99 termos ordenados alfabeticamente em português, com a forma correspondente no *Botocudo*. Acompanham-no algumas notas introdutórias de M. Jomard sobre a língua *Botocudo*, quase sempre transcrevendo a opinião do Príncipe de Wied.

Serviram de informantes a Porte dois jovens Botocudos por ele conduzidos a Paris, mas não há menção do grupo ou região a que pertenciam os índios. Como no caso de outros vocabulários, isso o invalida para estudos dialetais, embora seja interessante como documento da língua. A grafia é predominantemente a francesa. Porte, à diferença de outros viajantes franceses, faz distinção entre a nasal dental *n* final simples e a geminada *nn*. Isso poderia indicar que nesse dialeto ocorrem, respectivamente, a nasal velar ŋ e a nasal dental *n*. Mas comparando este vocabulário com outros, e com ele mesmo, não nos parece haver grande consistência nesse registro. Assim, Porte nos dá, para o significado português: 'repulsar, bater-se' a forma DJAKMAOUNN (provavelmente [džakm(a)-un]), e para 'bater' a forma DJAKMUN (provavelmente [džakmuŋ]). Ora, isso parece bastante improvável, pois a raiz certamente é a mesma nos dois casos, embora a tradução seja ligeiramente diferente.

Vocab. (20) Anônimo. *Vocabulário dos Botocudos da Província de Minas Gerais, tribus Pogicha, Aranãa e Potão* in *Revista da Exposição Anthropológica Brazileira*, p. 13, Rio de Janeiro, 1882.

O referido vocabulário contém 66 palavras, com tradução e grafia portuguesas. Sem referência ao local e época da coleta dos dados, este vocabulário só pode ser utilizado como fonte secundária.

Vocab. (21) Bruno Rudolph, *Wörterbuch der Botokudensprache*, Hamburg, 1909.

Trata-se do mais extenso documento sobre a língua dos *Botocudos*. É um vocabulário de 85 páginas, dividido em duas partes: Botocudo-alemão (p. 1-48) e alemão-botocudo (p. 48-85). As últimas 14 páginas são formas de conversação reproduzidas em botocudo e alemão. O autor, um farmacêutico alemão, residente em Teófilo Otoni, coletou os dados entre indivíduos de diversas tribos que viviam nas matas do rio Mucuri, Todos os Santos, São Mateus e Preto. A imprecisão das fontes restringe o valor do material, porém não invalida sua importância como documento ilustrativo do caráter geral da língua falada pelas diversas tribos *Botocudas*.

Rudolph registra frequentemente variações de um mesmo termo botocudo, como por exemplo o termo correspondente a 'bom, muito': erehá ~ erehé ~ erehú ou 'aqui': nekré ~ nakré ~ pekré ~ hakré ~ unkré, porém não esclarece em que dialeto ocorre cada uma das formas ou se são formas alternantes de um mesmo dialeto.

Estas variações, registradas pelo autor, parecem conflitar com a afirmação feita no prefácio pelo editor Eduard Seler, que identifica o material linguístico como sendo procedente de uma área limitada, ou seja, o distrito de Mucuri, e falado em sua maioria pela tribo dos *Naknenuk*. De certa forma, também destoa dos dados a afirmação do próprio autor de que entre todas as tribos não existiam diferenças linguísticas consideráveis.

Vocab. (22) Waldemar Alves Baêta, *Manuscritos inéditos*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, s.d.

Alves Baêta, engenheiro de minas, esteve construindo uma usina hidroelétrica na região do alto rio Doce, no início da década de 1920. Aí entrou em contato com um casal de trabalhadores índios semi-civilizados, que lhe serviram de intérpretes no seu aprendizado do botocudo. O rapaz se dizia originário das margens do Mucuri, da tribo *Craquemú*, e a mulher, das margens do rio Pancas, da tribo *Poiitchá*.

Este material linguístico consiste principalmente de itens lexicais, embora haja também uma pequena lenda e uma conversação entre Baêta e seu informante. Foram preenchidos os formulários básicos, existentes na época, para pesquisa de línguas indígenas: o *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras* (Museu Nacional, 1960), e o *Questionário Swadesh-Loukotka "Amerindian Non-Cultural Vocabulary"*. Todos os dados são apresentados em grafia portuguesa inicialmente, e após, em alfabeto fonético (baseado principalmente no proposto por Mattoso Câmara Jr.). O autor complementa frequentemente os dados com informações de natureza gramatical, ou etnográfica e toponímica, e muitas vezes, com discutíveis conclusões etimológicas. Nada disso, no entanto, invalida a im-

portância e riqueza de sua contribuição para a documentação dessa língua.

Baêta faz inicialmente a descrição dos sons existentes na língua. Há observações muito valiosas sobre a pronúncia, embora geralmente de um modo genérico. Ele diz por exemplo que 'cobra' é GRÓ, embora também se encontre como variante tribal NGRO; ou que *d* em posição inicial, só ocorre com um fechamento "tentando-se pronunciar a palavra *um*".

Também tira certas conclusões dialetais discutíveis, atribuindo a distintos dialetos itens lexicais com o mesmo significado, como por exemplo: 'branco, claro, alvo' seria: YURÚ(M)ME (Crenak), WÁ.KI (Jiporoca, Craquemú), ŽIRÉ(N) (Munhangiren) e 'amarelo': HIÁ (Naquenanuque) e YIRÚNE (Jiporoca).

A falha principal, para fins de identificação de possíveis diferenças dialetais, do material de Baêta, está na não-separação do que pertence a cada dialeto. Além disso, não se sabe em que medida ele utilizou outras fontes escritas, e em que medida elas foram testadas com os informantes.

Como outros autores, ademais, confirma a absoluta inteligibilidade dos diferentes grupos tribais.

Vocabs. (23-24) Anônimos. 2 *Vocabulários Naknanuk*, Manuscritos inéditos, Museu Nacional, s.d.

Sem autor e sem data, foram registrados ambos sob o número 136, mas não parecem ser do mesmo autor, pois registram diferenças sensíveis na grafia das mesmas palavras, quando elas ocorrem.

O primeiro deles contém unicamente uma lista de aproximadamente 280 palavras, em português-botocudo, ordenadas por ordem alfabética do português, com diversas correções e adendos.

O segundo vocabulário contém, além de uma lista lexical de cerca de 200 itens, alguns paradigmas verbais e pronominais, e ainda de duas a três dezenas de frases soltas. A grafia de ambos é predominantemente a portuguesa, e o registro é bastante coerente.

Vocab. (25) Carl Friedrich Philipp von Martius, *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria Linguarum Brasiliensium, Erlangen*, 1863, 177 ff.

A primeira compilação de documentos linguísticos do Botocudo foi feita por Martius. Ele reuniu os sete vocabulários, conhecidos até os meados do século XIX, "do idioma dos Botocudos ou Aimorés, todos mais ou menos discrepantes entre si, especialmente na grafia" (p. 23). Apresenta-os divididos em quatro listas, com tradução ao latim. A pri-

meira é da tribo *Encreckmung, Crecmun, Cracmun*, ou *Craicmun*, constando dos vocabulários de Marlière, von Eschwege, Wied e do próprio von Martius e Spix. A segunda é de Jomard (cf. Voc. 19). As duas outras foram tiradas do trabalho de Castelnau, que as tinha recebido de Renault (cf. Vocs. 4, 18).

Martius classifica o Botocudo como pertencente à família linguística *Cren* ou *Guerén*, juntamente com o Puri, Coroado, Malali, Guató, Patagón e Camé. Esta divisão provou não ser estritamente linguística, como aliás já mostramos nas referências históricas, e classificações mais recentes como a de Aryon Rodrigues, confirmam que o Botocudo não é tão proximamente aparentado com o Puri e os demais, conforme pareceu a Martius.

No entanto, o trabalho de Martius representa uma valiosa contribuição para o conhecimento das fontes linguísticas do Botocudo e confirma o que é ressalvado por praticamente todos os autores sobre a grande semelhança entre os dialetos do mesmo. Mas, se por um lado, a amalgamação dos vocabulários mostra identidade, por outro, tem a desvantagem de apagar as discrepâncias não oriundas das diferentes grafias, e que constituem exatamente o subsídio para quaisquer considerações e conclusões de ordem dialetal.

Vocab. (26) Paul Ehrenreich, *Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo and Minas Geraes*, Zeitschrift für Ethnologie, Vol. 19, Berlin, 1887.

É uma constante nos relatos dos viajantes pelos territórios botocudos a referência à semelhança entre os falares dos diversos grupos, desde a Bahia até às nascentes do rio Doce.

Paul Ehrenreich, ao visitar os botocudos do médio rio Doce e de seus afluentes, em 1884-5, não encontrou diferenças substanciais do dialeto documentado por Wied, meio século antes, no rio Jequitinhonha.

Este fato confirma as evidências linguísticas do Botocudo: o processo de mudança histórica não acarretou divergências linguísticas acentuadas entre as tribos botocudas.

Teria a dispersão geográfica contribuído para uma notável diversificação da língua original? A própria experiência de Ehrenreich, identificando os falares do rio Jequitinhonha e Doce, parece negar o fato.

Resta assim a análise das estruturas linguísticas. O autor, etnólogo com conhecimentos de linguística, foi o primeiro a fazer uma tentativa desta natureza. Depreendeu o inventário fônico global da língua, através de seus próprios dados e dos vocabulários compilados por Martius, de diversos autores, diferentes nacionalidades e registrando distintos dialetos.

Dando-se conta da discrepância, já mencionada por Martius, entre as diferentes grafias, Ehrenreich submeteu estas coleções de palavras a um exame minucioso e transcreveu-as, no seu trabalho, segundo um alfabeto fonético comum, assinalando sempre as respectivas fontes.

O resultado destes estudos lexicais, aliado ao estudo etnográfico dos diversos grupos botocudos, levou Ehrenreich a estabelecer uma classificação da nação botocuda em 5 grandes tribos, a saber: *Naknenuk, Nakerehä, Etwet, Takruk-krak* e *Nep-Nep.*

Vocab. (27) Antonio Estigarribia, *Trecho de um relatório apresentado à Directoria do Serviço de Proteção aos Índios, no ano de* 1912, *relativamente aos índios do Rio Doce,* Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo,* 7: 20-52, 1934.

Neste seu relatório, Estigarribia, além de considerações sobre a raça, língua e costumes gerais dos índios do rio Doce, apresenta no final três listas vocabulares. A única original é a primeira: *Vocabulário dos Índios Crenacs,* com 189 palavras, com tradução e grafia portuguesas. Dos outros dois vocabulários, um é reprodução do vocabulário Pogichá, Aranãa e Potão, de autor anônimo (cf. Voc. 20) e o outro reprodução do vocabulário dos botocudos do aldeamento de Mutum, de França Leite (cf. Voc. 5), ambos publicados na *Revista da Exposição Anthropologica Brazileira,* 1882.

Vocab. (28) Carl Friedrich Hartt, *Vocabulary of the language of the Botocudos,* Manuscrito inédito, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, s.d.

O manuscrito de Hartt é um autógrafo de 33 folhas em português-inglês-botocudo, contendo 425 itens lexicais, e mais 41 "frases botocudas". Não o utilizamos para o nosso estudo, pois parece ser reprodução, em grande parte, do vocabulário do Príncipe de Wied.

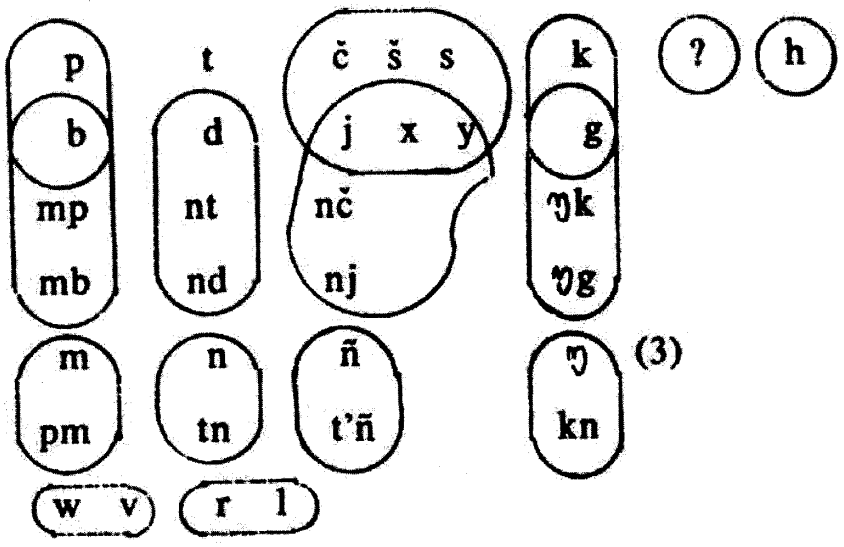
III. ALGUNS ASPECTOS DA FONOLOGIA: ANÁLISE DAS VOGAIS E CONSOANTES

A análise linguística que se segue tem dois objetivos gerais. Primeiro, pretende estabelecer, na medida do possível, o sistema fonêmico comum às distintas manifestações do *Botocudo* nos 28 vocabulários analisados. Segundo, verificar se há condições suficientemente seguras para proceder a uma divisão dialetal do *Botocudo*. Convém lembrar que nunca foi posta em dúvida, por nenhum dos autores que se preocuparam com o problema, a absoluta inteligibilidade entre os falares dos diversos grupos *botocudos*, fossem eles aliados ou inimigos declarados entre si.

Para fazer o levantamento geral dos sons da língua utilizamos todos os vocabulários. Para tentar estabelecer divisões dialetais usamos como base os vocabulários que se referem a um único grupo.

Os vocabulários revelaram o seguinte quadro fonético:

Contóides.



Vocóides.

i	ɨ	u	
e	ë	o	
é	a	ó	(4)

Os símbolos englobados por um mesmo círculo são formas alternantes para representar um mesmo item lexical, ora se apresentando livre-

(3) ŋ é uma consoante nasal velar.

(4) *é* e *ó* são vogais médias abertas.

mente dentro de um mesmo vocabulário, ora predominando uma ou outra delas, conforme a fonte.

I. *Vogais*

Começaremos pelo exame das vogais, que parecem ter causado bastantes problemas de registro aos autores dos vocabulários. Diversos se referem à indefinição frequente das vogais que, segundo eles, "participam" de dois ou mais sons ao mesmo tempo. A preocupação pelo registro correto os faz recorrer a descrições, por vezes impressionísticas, como a que encontramos, por exemplo, em Wied (Voc. 1) o qual, para definir uma vogal não-anterior, não-arredondada, diz: "*a* pela metade e no velo" (p. 501). Em Saint-Hilaire (Voc. 2) há a seguinte observação: "... é ainda menos fácil reproduzir com letras a língua dos botocudos que as das outras nações indígenas, pois que esses selvagens tem mais numerosos sons mixtos. Assim é muitas vezes difícil distinguir se pronunciaram um *a* ou um *o*, um *e* ou um *i*..." (p. 133).

Esta aparente incoerência da língua se esclareceu mediante a análise dos vocabulários 8 a 16 feitos por autores com preparo linguístico.

Isto nos permitiu estabelecer que as vogais, segundo o critério de altura, se distinguem por oposição binária: alto versus não-alto, em todos os pontos de articulação. Estes, por sua vez, também estão estruturados em termos binários, segundo a oposição: anterior versus não-anterior; e os sons não-anteriores, segundo a oposição: arredondado versus não-arredondado. Resumindo, o sistema vocálico da língua botocudo funciona baseado em apenas três traços distintivos:

	+ anterior	− anterior	
		− arredondado	+ arredondado
+ alto	i	ë	u
− alto	e	a	o

Torna-se mais fácil entender agora a indefinição das vogais referida pelos autores:

A vogal /i/ ([+ant,+alta]), que aparece grafada como *i* e como *e*, engloba os sons correspondentes ao *i* e *ê* do português.

A vogal /e/ ([+ant,−alta]), que aparece como *e, è, ê* (fr.), *ai, ae, ä,* o que indica o seu caráter bastante aberto, corresponde ao som representado pelo *é* do português.

Com as vogais não-anteriores, arredondadas, ocorre fenômeno análogo: a vogal /u/ ([+alta,+arred]), representada nos vocabulários ora como *u,* ora como *o,* engloba os sons correspondentes ao *u* e *ô* do português, enquanto que a vogal /o/ ([−alta,+arred]), que aparece como *o, ò, ô* (fr.), corresponde ao som *ó* do português.

A maior diversidade na grafia da vogal /ë/ ([−ant,+alta, −arred]) deve-se provavelmente à pouca familiaridade dos autores, falantes de línguas indo-européias, com este som tão frequente em diversas línguas ameríndias. Esta vogal é registrada, nas fontes alemãs e francesas como *ö, â, a, eu* e *eû;* nas de autores portugueses, como: *aN, ã, ë, ä, eu* ou simplesmente *a.*

II. CONSOANTES

Existem evidências linguísticas suficientes para estabelecer o caráter fonêmico geral de oposições consonânticas em cinco pontos de articulação, produzindo sons labiais, dentais, palatais, velares e gloto-faríngais, conjugados em quatro modos de produção, resultando em sons oclusivos, fricativos, nasais e líquidos.

Daremos inicialmente uma rápida descrição dos sons que não apresentam maiores problemas de interpretação fonêmica, apesar das diferenças específicas de cada fonte. A seguir, serão apresentadas e analisadas em maior detalhe certas situações mais complexas encontradas nos distintos vocabulários.

A oclusão glotal: ? — embora muitos vocabulários não a registrem, em outros ela aparece com certa regularidade. Alguns autores identificam-na indiretamente ao colocar um hífen entre duas letras ou ao descrever impressionisticamente a pronúncia (vocs. 7, 21).

A fricativa faringal: *h* — é pouco e inconsistentemente grafada, mas em alguns termos, como EREHÉ 'bom, bonito', URUHU 'muito', há um registro quase unânime desse som, em todas as fontes. O autor de um dos vocabulários (21) comenta que não há vogais iniciais propriamente ditas, uma vez que todas as palavras iniciadas por vogal são fortemente aspiradas.

A semi-vogal: *w* — é grafada como *w* e como *u,* conforme o vocabulário; em alguns deles encontramos, para os mesmos itens lexicais, a fricativa lábio-dental *v* (Vocs. 15, 16, 21).

A consoante líquida: *r* — parece ser som frequente da língua, apresentando algumas vezes a variante *l*.

O grupo oclusiva palatal seguida de nasal palatal: *t'ñ* — engloba sons representados graficamente por *tñ* e *kñ* em alguns vocabulários, correspondendo, para o mesmo item lexical, à nasal simples *ñ* de outros.

A africada palatal: *č* — O símbolo específico *č* tem aqui uma função genérica, representando uma variada gama de sons que se alternam, segundo a palavra, em distintas fontes, por vezes dentro do mesmo vocabulário, para um mesmo item lexical: *č, š, dž, ž, s, y*. Ao mesmo tempo, cada um desses sons aparece grafado de muitas maneiras diferentes, conforme a fonte. O som [č], por exemplo, surge como *tch* ou *tsch* em alguns vocabulários, como *ch* em outros, ou ainda como *ti;* [š] é registrado como *ch, sh, sch;* [*dž*], como *j, dj, di;* [ž], como *j;* [*y*], como *j, y,* ou mesmo *i*. Há pouquíssimos registros de [*s*], em apenas dois vocabulários (2,21). Assim o termo usado para designar 'ter fome' é SINCORANA no vocabulário 2, enquanto nos demais aparece com [š] ou [č]: CHINGORAN, SHINKORAN, TCHINCURAN, etc.

A nasal velar: ŋ — é geralmente representada pela sequência *ng, nk;* em posição final de palavra, aparece, por vezes, como *n*.

A nasal palatal: *ñ* — é registrada como *nh, gn, ni*.

Os demais sons não revelam problemas de identificação gráfica.

As considerações até aqui feitas sobre as consoantes tiveram caráter predominantemente fonético ou de interpretação ortográfica das diversas fontes. Não oferecem, como já observamos, maiores problemas para o estabelecimento do sistema fonêmico do botocudo.

No entanto, a análise linguística revelou pelo menos quatro questões problemáticas para a depreensão da estrutura sonora da língua e para uma eventual delimitação dialetal. São elas: a oposição entre consoantes surdas e sonoras, a pré-nasalização das oclusivas (incluindo a africada [č]) em início de palavra, o travamento oral das nasais. A quarta questão, não diretamente ligada às consoantes, é a da presença de glides vocálicos em posição inicial, medial e final de palavra.

Examinemos mais detidamente cada uma dessas questões.

I. *Consoantes surdas versus consoantes sonoras.*

Duas situações distintas se apresentam nos diversos vocabulários, com relação a esta alternância de sons:

a) revela-se a alternância considerada, em casos como os exemplificados abaixo:

šonkát	~	žonkát	'canoa'
pošišá	~	požišá	'nome tribal'
krapók	~	grapók	'machado'
čompék	~	čombék	'fogo'
tontón	~	tondón	'pequeno'

Em todos eles, a oposição não tem caráter fonêmico, e a presença de uma ou outra das formas, nesta ou naquela palavra, neste ou naquele vocabulário, poderia ser explicada pela percepção subjetiva dos autores. Mas também poderia estar em jogo aí uma tendência interna da própria língua, que teria fixado dialetalmente a forma surda ou sonora neste ou naquele grupo tribal. Infelizmente, esta distinção importante não é sistemática nos registros de um grupo para outro, não servindo, portanto, como critério para a delimitação dialetal.

b) é a situação exemplificada abaixo:

bók	'peixe'	pók	'em cima'
burúk	'vermelho'	purú	'frio'
grák	'cobra'	krák	'faca'

Segundo os critérios comumente usados para a depreensão e identificação dos fonemas de uma língua, ocorre nestes casos uma oposição significativa entre consoantes surdas e sonoras, o que parece contradizer os fatos apresentados em a).

O problema seria facilmente resolvido se fossem perfeitamente delimitados os vocabulários que apresentam a situação a) ou b). No primeiro caso, haveria uma única série fonêmica de oclusivas, no segundo, duas: uma surda e oura sonora. A situação, no entanto, é mais complexa, porque num mesmo vocabulário ocorrem livremente os dois tipos de alternância examinados. A análise do problema seguinte, o da pré-nasalização das oclusivas, permitirá compreender melhor esta questão.

II. *Pré-nasalização das oclusivas.*

Em posição medial de palavra, todos os vocabulários registram grupos como *mp, mb, nt, ŋk, ŋg, nč,* etc. Com pouquíssimas exceções, há bastante homogeneidade de registros para uma mesma forma lexical (alternando unicamente o traço surdo e sonoro da oclusiva em questão). Duas das exceções encontram-se em termos registrados em quase todos os vocabulários: as formas designativas para 'anta' e 'cana', que apresentam uma variada gama de alternâncias, além da pré-nasalizada: para

'anta': MO*MP*RAN, NU?*MBR*ÁN, HU*MB*RÁN, MOU*P*RAN, CU*P*RAN, CO*P*RANG, KU?*M*RÁNG, GU*PM*ARAN, CU*P*-MRÁNG; para 'cana': KO*MB*RIN, KU*M*ERINE, CA*M*URINE, GU*M*ERIN, NU*M*RIN.

Em posição inicial de palavra os vocabulários registram dezenas de termos que apresentam formas alternantes de uma para outra fonte e por vezes na mesma. Na maioria dos casos, as consoantes iniciais são bilabiais ou velares, mais raramente dentais ou palatais. Eis alguns dos exemplos examinados:

mpók ~ pók ~ bók ~ mók	'peixe'
mprë'ŋ ~ mbrëu ~ prëu ~ brẽu	'caminho'
ŋgráŋ ~ krán ~ grá ~ grák ~ grán	'cobra'
mbokrí(n) ~ pokrí(n) ~ bokrí(n) ~ mokrí ~ mpokrí(n)	'veado'
mbrukukú(k) ~ prukukúk ~ brukukú(k)	'vermelho'
mbatík ~ batík ~ patík	'lebre'
mbakën ~ bakën ~ pakën	'ave'
ntáŋ ~ táŋ	'curvo'
nčunčú ~ žunžú	'gambá'
mporúm ~ porúm ~ mborúm ~ borúm	'índio'

Como se vê, há alternância, para um mesmo item lexical, entre formas pré-nasalizadas e formas com oclusão inicial, surda ou sonora.

Disso se pode concluir que em algum momento da língua, provavelmente, houve uma série de oclusivas pré-nasalizadas, que representaremos por *p'*, *t'*, *č'*, *k'*, em contraste fonêmico com a série correspondente de oclusivas simples surdas *p*, *t*, *č*, *k*. No momento histórico em que começa a ser registrada a língua, estaria em franco andamento um processo de mudança linguística, refletido pela presença das diversas formas alternantes para um mesmo item lexical. Em algumas das fontes praticamente já não existem registros de *p'*, *t'*, *č*, *k'*. Em outras, há uma distribuição mais ou menos igual de formas pré-nasalizadas e de oclusivas simples, surdas ou sonoras. Pouquíssimos exemplos, como MÓK 'peixe', MOKRI 'veado' e alguns outros, com a ocorrência de nasal simples como forma alternante da pré-nasalizada, revelam uma direção diversa do processo predominante (5). Na maioria das fontes, contudo, ainda prevalecem as formas com pré-nasalização, embora também ocorrendo as outras com maior ou menor frequência. Ora, esta situação revela que a diversificação poderia, potencialmente, ter ocorrido em três direções

(5) Quanto a esse processo de mudança das consoantes pré-nasalizadas há observações importantes no estudo de Mattoso Câmara Jr. sobre *Alguns Radicais Jê*.

diversas, nenhuma delas realizada plenamente devido ao desaparecimento da língua.

São elas:

a) manutenção da oposição primitiva das duas séries acima mencionadas, caracterizada pela presença ou ausência de pré-nasalização. Esta tendência se revela nos vocabulários 1, 6, 8, 10, 13, 15;

b) manutenção da oposição distintiva entre duas séries de oclusivas, já não mais com base no traço de pré-nasalização, tendo esta se perdido, mas no de sonoridade. A oposição passa a ser, portanto, entre *p, t, č, k* e *b, d, dž, g*. E aqui voltamos ao problema apresentado em I., sobre a alternância de consoantes surdas e sonoras. O que era naquele caso considerado como variante livre adquire aqui status fonêmico. Esta tendência transparece nas fontes 6, 7, 10, 16, 27;

c) desaparecimento da oposição entre as duas séries de oclusivas, ao se fixar, também para a série pré-nasalizada, a forma simples da oclusiva surda. É a tendência revelada pelo vocabulário 4.

Evidentemente, a concretização dos processos expostos em b) e c), se realmente houvesse ocorrido, acarretaria um remanejamento na distribuição quantitativa do inventário fonêmico. No dialeto em que se realizasse a tendência b), passariam a integrar os fonemas oclusivos sonoros parte das primitivas oclusivas pré-nasalisadas (as que se houvessem fixado como oclusivas sonoras), bem como aquelas formas sonoras analisadas em I, como estando em alternância livre com a forma surda correspondente. Por outro lado, passariam a integrar as oclusivas surdas aquela parte das pré-nasalizadas que se houvessem fixado na forma surda. No caso da tendência c), todas as formas primitivas com pré-nasalização passariam a integrar a única série de oclusivas (surdas) que então restaria, reduzindo-se quantitativamente o inventário fonêmico em quatro elementos.

Coloca-se, assim, o problema: representaria a predominância mais ou menos nítida de uma ou outra das tendências (a, b, c) nos diferentes vocabulários uma marcada diferenciação dialetal? Ou estaria ela enquadrada em um processo genérico da língua de simplificação da série pré-nasalizada no sentido oclusiva pré-nasalizada > oclusiva sonora > oclusiva surda?

Se existisse uma correlação clara, na cronologia das fontes, entre as formas pré-nasalizadas, como sendo as das fontes mais antigas, e as oclusivas simples como sendo as mais recentemente registradas, não he-

sitaríamos em considerar as variantes discutidas como ilustração de um processo geral de simplificação da língua. Entretanto, vemos que na fonte mais antiga (vocabulário 1), bem como em algumas das mais recentes (vocabulário 13, 14), predominam formas pré-nasalizadas. Este fato nos leva a interpretar as realizações diferentes como indício, embora pouco consistente, de diferenciação dialetal. Isso, contudo, não impede que se admita paralelamente a hipótese da existência de um processo geral de mudança no sentido acima descrito. Admitimos essa hipótese, primeiro pela presença, embora mínima em alguns casos, de formas sem pré-nasalização, mesmo nas fontes em que predominam as formas com pré-nasalização e, segundo, pela forma que em geral tomam os empréstimos do português, no caso de palavras iniciadas por oclusivas sonoras. O maior número de exemplos observados ocorre com o [b], que é assimilado à língua indígena não como *mb*, *mp* ou *p*, mas como *b*: BENTÕU 'botão', BAMBAN 'barbante', BICÔT 'biscoito', embora NGÚI 'agulha' pareça contradizer a tendência. (Exemplos do vocabulário 6, que registram 19 formas com pré-nasalização e 23 com oclusiva sonora, cf. Quadro IV).

III. *Travamento oral das consoantes nasais.*

Diversos vocabulários registram grupos consonantais do tipo *pm*, *bm*, *km*, *tn*, *dn*, *hm*, *t'ñ*, *kn*, *gn*, quer em início ou final de sílaba. Em outras fontes, os mesmos itens apresentam como formas alternantes para esses grupos as nasais simples: *m*, *n*, *ñ*, *ŋ*.

Examinemos alguns exemplos:

pmák ~ mák	'perna, coxa'
tódn ~ tón	'mau, feio'
kñimpõu ~ ñimpõu	'rosto'
kmún ~ mún	'ir'
muntñák ~ muñák ~ kmuñák	'lua'
kmarán ~ pmerán ~ merán	'duro, forte'
hipmá ~ hihmá ~ him.má ~ hinkmá ~ himpmá ~ himá	'boca'
kmák ~ mák ~ mphmák ~ mpmáke ~ mákn	'asa, pluma'

A análise dessas formas evidencia que:

a) a oposição nasal simples versus nasal com travamento não é fonêmica;

b) o travamento não aparece necessariamente como uma consoante oclusiva, embora tenha este caráter na maioria dos casos. Pode ser também uma consoante fricativa (*h*), ou mesmo uma

pausa (indicada por um ponto na ortografia das fontes: HIM.MA 'boca');

c) o travamento também não é necessariamente homorgânico com a nasal que ele precede, pois antes de *m* encontramos *p, k, h,* e antes de *n* encontramos *t* e *k;*

d) há raras ocorrências da sequência consoante nasal mais consoante oral mais consoante nasal: *mpm, mph, nkm.* Embora esta sequência de sons não seja estranha a algumas das línguas Jê, ela aqui tem um caráter marginal.

Resumindo, o traço mais característico do travamento é a sua oralidade, ou mais precisamente, é oral o momento da intensão da consoante nasal.

Diante desses fatos, não se pode postular, como no caso das oclusivas pré-nasalizadas, uma oposição fonêmica entre consoantes nasais simples e consoantes com travamento oral. Contudo, o simples fato de se registrarem tais formas alternantes em diversas fontes, permite levantar duas hipóteses sobre um momento da língua, anterior ao registrado pelos vocabulários:

1) teria existido uma oposição sistemática entre as duas séries de nasais consideradas, oposição posteriormente desaparecida e que se conservaria apenas em esparsas formas residuais. Mesmo essas, porém, já não revelariam mais que vestígios da antiga oposição, uma vez que ocorrem formas alternantes às vezes dentro de um mesmo vocabulário. Talvez o único exemplo que, na quase totalidade das fontes, revela alguma forma de travamento é o da palavra usada para designar 'boca'. Esse exemplo, aliás, constitui o argumento mais forte a favor da hipótese de duas séries fonêmicas de nasais, em um momento anterior da língua.

2) a consoante nasal, em um passado mais ou menos remoto, seria sempre realizada com travamento oral. Se assim aconteceu em algum momento, quando começou a ser documentada a língua esse princípio já não era mais vigente, embora pudessem ser consideradas como vestígios dele as suas ocorrências em diversas palavras.

Infelizmente a documentação existente não permite chegar a uma conclusão definitiva sobre este aspecto da estrutura sonora do botocudo. Assim, a única afirmativa segura é a de que não há, pelo menos desde 1816, duas séries significativas de nasais na língua. Posto isto, foi com reservas que introduzimos essa alternância de formas, existente nos distintos vocabulários, como critério para a delimitação dialetal. Segundo ele, os vocabulários poderiam ser divididos em três grupos: os que registram muitas formas de nasais com travamento, os que praticamente

não o fazem e os que apresentam apenas algumas poucas ocorrências dessas formas. No primeiro grupo estariam os vocabulários 1, 6, 10, 13, 14; no segundo, os vocabulários 4, 9, 15, 16. Os restantes estariam incluídos no terceiro grupo.

IV. *Glides vocálicos*

Examinemos as situações expressas nos exemplos abaixo:

a)	ngrekmun ~ engrekmun	'nome tribal'
	mpók ~ impók	'peixe'
	ntáng ~ intáng	'curvo'
b)	tontón ~ tontóne	'pequeno'
	krák ~ kráki	'faca'
	mpíp ~ mpípe	'ver'
	kat ~ káti	'pele, casca'
c)	krapók ~ krarapók	'machado'
	grén ~ gerén	'nome tribal'
	prík ~ pirík	'formiga'
	brukukú ~ burukukú	'vermelho'

Em todos os exemplos dados acima, encontramos uma alternância de formas com uma vogal inserida e sem ela, em posição inicial (a), medial (c) e final (b) de palavra. Nos casos a) e b) a vogal em questão seria mais propriamente interpretada como um glide vocálico (+anterior, +alto) visto não ter caráter silábico. Isto pode ser inferido nas fontes de autores não-linguistas, e confirmado nos vocabulários registrados foneticamente. Wied, por exemplo, ao registrar um termo como ENGERECKMUNG 'nome tribal dos Botocudos do rio Jequitinhonha' (vocabulário 1), comenta que o primeiro *e* é quase inaudível. Nos exemplos apresentados em c) ocorre um vocóide desfazendo o grupo consonantal *muta cum liquida*, sempre idêntico à vogal que segue ao grupo consonantal. Nessa situação, é mais difícil concluir se temos aí uma verdadeira vogal ou um glide vocálico homorgânico com a vogal seguinte. Nos nossos próprios dados (vocabulários 15 e 16), quando surge essa forma alternante, o vocóide é nitidamente assilábico, um glide, portanto.

A livre alternância das formas apresentadas nos exemplos a-c, seja entre fontes diversas, seja por vezes em uma mesma fonte, indica que não existe aí oposição fonêmica. Além disso, também não é homogêneo o comportamento dos vocabulários quanto à distribuição estatística des-

ses vocóides e/ou glides vocálicos nas três posições. Alguns vocabulários praticamente não acusam sua presença em nenhuma das posições (vocabulários 8, 9, 10, 13, 14), outros registram-nos predominantemente no final das palavras (vocabulários 4, 5, 6, 7, 15, 16, 27); alguns outros apresentam essas formas em todas as posições (vocabulários 1, 3).

Essa extrema diversidade de situações encontradas nas distintas fontes não permite utilizar com segurança esse critério para a pretendida delimitação dialetal.

O Quadro IV dará uma visão mais clara da distribuição estatística, nos vocabulários do primeiro grupo, dos itens lexicais focalizados para esta análise.

Observe-se a extrema disparidade dos vocabulários quanto ao número de itens registrados, que sobem a mais de mil em apenas um deles e não atingem uma centena em outros.

Quanto à época do registro, as fontes vão de 1816 a 1974, mais de século e meio de diferença, portanto.

IV. *Conclusões*

Feitas essas considerações, e tendo em vista o exposto na análise acima, cremos válidas as seguintes conclusões sobre a língua *Botocudo*:

1) O sistema fonêmico subjacente à língua em questão é o seguinte:

Vogais			*Consoantes*					
i	ë	o	p	t	č	k	?	h
e	a	u	p'	t'	č'	k'		
			m	n	ñ	ŋ		
			w	r				

2) Os traços sonoros mais característicos da língua, como um todo, e que provavelmente terminariam configurando uma autêntica divisão da língua em dialetos, segundo suas manifestações específicas, são: a pré-nasalização das consoantes oclusivas e o travamento oral das consoantes nasais.

3) Com base nas fontes linguísticas existentes, é demasiado precária a possibilidade de estabelecer uma divisão da língua *Botocudo* em um determinado número de dialetos, ou de considerar o *Botocudo* como uma família linguística, integrada por várias línguas designadas por Krekmun, Nakrehé, Pojichá, etc.

QUADRO IV — FONTES LINGUÍSTICAS

(GRUPO 1)

N.º Vocabulário	Grupo tribal	Autor	N.º itens	Pré-nasa-lização	Cons. sonoras	Cons. surdas	Travam. oral	Glide inicial	Glide medial	Glide final
1	Krekmun	Wied	454	15	1	1	18	11	15	2
2	Krekmun	Saint-Hilaire	39	1	1	1	1	—	1	11
3	Naknanuk	Renault	274	9	5	2	6	6	4	•
4	Jiporok	B. D'Almeida	43	—	2	4	—	1	4	8
5	Naknanuk	França Leite	98	—	4	5	2	—	3	7
6	Nak-Nhapmã	Claro Monteiro	1.161	19	23	12	27	3	—	•
7	Krenak	Simoens Silva	165	3	15	2	1	5	1	20
8	Poten	Nimuendaju	223	10	2	2	8	—	—	—
9	Aranã	Nimuendaju	46	1	3	1	—	1	—	—
10	Nakrehé	Nimuendaju	339	12	4	5	37	—	—	—
11	Nakpié	Nimuendaju	37	2	2	—	1	—	—	—
12	Minyãyirún	Nimuendaju	37	3	—	1	2	—	—	—
13	Nakrehé	Bridgeman	223	23	3	—	37	—	—	—
14	Nakrehé	Bridgeman	174	15	—	1	29	1	—	—
15	Poten	Emmerich & Monserrat	153	9	2	3	—	13	1	22
16	Pojichá	Emmerich & Monserrat	211	5	8	4	—	12	2	34
27	Krenak	Estigarribia	189	1	7	2	3	1	2	20

• muito frequente

Tal precariedade se deve principalmente aos seguintes fatores:

a) falta de homogeneidade das fontes quanto ao número e escolha dos itens registrados;

b) falta de homogeneidade na qualidade dos registros de diferentes autores, para certos problemas examinados. É o caso, por exemplo, do registro de vogais, ou de glides vocálicos em início e final de palavra, quando o autor é de fala portuguesa. Já Wied comentava que os portugueses tendiam a escrever um *i* no final de palavras, depois de consoantes, influenciados por sua própria língua, e que esse fenômeno não ocorria na estrutura da língua Botocudo. Mas, se isso pode ser verdade para o caso de pessoas sem preparo linguístico, já não vale como explicação desse mesmo fenômeno quando registrado por linguistas. Aqui, outra explicação poderia talvez caber melhor: a de que a própria língua já estaria sendo modificada nesse aspecto por influência do português;

c) e finalmente, o desaparecimento da língua, como instrumento de comunicação de um grupo humano, ocorrido paulatinamente no decorrer dos séculos XIX e XX, concomitantemente com o desaparecimento dos diversos grupos tribais. seus representantes.

SUMMARY

The main purpose of this paper is to discuss the linguistic data gathered among the *Botocudo* indians in Bahia, Minas Gerais and Espírito Santo during the 19th and 20th centuries in order to postulate the phonemic structure of the language and to establish possible dialectal differences.

Many *Botocudo* tribes are mentioned, under a variety of different names, since 1800 in Minas Gerais and Espírito Santo. Historians have considered them to be a faction of the *Aimorés* who lived in the hinterland of Bahia at the time of the colonization.

Using linguistic and historical evidence we will try to establish a genetic link between the extinct *Aimorés* of the 16th century and the more recent *Botocudos*.

BIBLIOGRAFIA

Accioli. I. *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*, Vol. II, 1925.

Amaral, Claro Monteiro do *Vocabulário Português-Botocudo*, Museu Paulista, Boletim II, Documentação Linguística, 2, São Paulo, 1948. Organização, prefácio e notas de M. L. de Paula Martins.

Baêta, Waldemar Alves. *Manuscritos inéditos, Museu Nacional*, Rio de Janeiro.

Barros, Francisco Borges de, *Bandeirantes e Sertanistas Baianos*, Imprensa Official do Estado da Bahia, 1919.

Bridgeman, Loraine. *Questionário de Material Linguístico para o Arquivo de Línguas Vivas. Língua Nakrehé*, Summer Institute of Linguistics, Manuscrito inédito no Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1958.

Catálogo da Exposição de História do Brasil, Arquivo do Instituto Histórico e Geográphico Brasileiro. Extrato do 2.º documento sob o n.º 5.698, Carta de Felipe Guillén à Rainha.

D'Almeida, Hermenegildo Antonio Barbosa. Viagem às Villas de Caravelas, Viçosa, Porto Alegre, Mucury, e aos rios Mucuri e Peruype, 1845 in *Revista Trimensal de História e Geographia* e *Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, VIII, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1897.

Dias, Gonçalves. Brasil e Oceania, in *Revista do Instituto Histórico* e Geographico Brasileiro, 3.º trimestre, 1867.

Emmerich, Charlotte & Monserrat, Ruth. *Notícia sobre remanescentes dos Índios Botocudos no Estado de Minas Gerais, inédito*, Museu Nacional, 1973.

Ehrenreich, Paul. Ein Beitrag zur Charakteristik der botokudischen Sprache in *Festschrift für Adolf Bastian*, Berlin, 1896.

Ehrenreich, Paul. Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espiritu Santo und Minas Geraes in *Zeitschrift für Ethnologie*, Vol. 19, Berlin, 1887.

Estigarribia, Antonio. Trecho de um Relatório apresentado à Directoria do Serviço de Proteção aos Índios, no Ano de 1912, relativamente aos Índios do Rio Doce, Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográphico do Espírito Santo*, 7:20-52, 1934.

Ferraz, Luiz Pedreira do Couto. Apontamentos sobre a vida do índio Pokrane e sobre o francez Guido Marlière in *Revista do Instituto Histórica e Geográphico Brasileiro*, tomo 18, 1855.

Figueiredo, Lima. *Índios do Brasil*, .1939.

França Leite. Vocabulário dos Botocudos do Aldeamento do Mutum, in *Revista da Exposição Anthropológica Brazileira*, Rio de Janeiro, 1882.

Hartt, Carl Friedrich. Vocabulary of the Language of the Botocudos, *Manuscrito inédito*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Ihering, Hermann von. Os Botocudos do Rio Doce in Revista do *Museu Paulista*, n.º 8, São Paulo, 1911.

Inventário dos Documentos Relativos ao Brasil. Anais da Biblioteca Nacional, n.º 31, 1909.

Jaboatam, Antonio de Santa Maria (Frei). Memórias Históricas e Documentadas da Província do Espírito Santo in *Revista do Instituto Histórico e Geográphico Brasileiro*, tomo 24, 1861.

Lacerda, J.B. de. *Revista da Exposição Anthropológica Brasileira*, Rio de Janeiro, 1882.

Leite, Serafim. *História da Companhia de Jesus*, tomo VIII, 1949.

Marlière, Guido Tomás. Vocabulário da língua dos Botocudos — tribos chamadas de Krakmum, Pejaurum e Naknenuk das Vertentes do Rio Doce e Jequitinhonha, *Abelha do Itaculomi*, Ouro Preto, 1925; e Vocabulário Português-Botocudo, *Manuscrito inédito*, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1935.

Martius, Carl Friedrich Philipp von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Erlangen, 1863.

Mello Moraes Filho. *Revista da Exposição Anthropológica Brazileira*, Rio de Janeiro, 1882.

Melo F.º, Luiz Emygdio. Expedições Científicas no Primeiro Reinado in *Anuário do Museu Imperial*, Vol. 33, Ano 1972, Petrópolis, 1974.

Mattoso Câmara Jr., Joaquim. *Alguns Radicais Jê*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1959.

Nimuendaju, Curt. *Ueber die Botocudos*, manuscrito inédito, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1939.

Oliveira, Humberto de. *O Índio do Brasil, Anexo I: Serviço de Proteção aos Índios* (1910-1930), Rio de Janeiro, 1935.

Ottoni, Theophilo B. Notícia sobre os selvagens do Mucury in *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo 21, 1858.

Palazzolo, Jacinto de (Frei). *Nas Selvas do Mucuri e do Rio Doce*, Petrópolis, 1945.

Polly, Alfredo. *Os Boruns*, Rio de Janeiro, 1908.

Porte, Marcus. Vocabulário dos Botocudos in *Bulletin de la Société de Géographie*, Vol. VI, 1846. Reproduzido in *Revista do Instituto Histórico e Geográphico Brasileiro*, tomo II, parte II, por Jomard.

Ratt, Carlos. Notícia etmológica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como, o seu interior, antes do dilúvio usiversal, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 34, 1871.

Renault, Pierre Victor. Deux Vocabulaires de la langue des Botocudos (1836) in *Expédition dans les parties centrales d'Amérique do Sud* (1843-47) de Francis de Castelnau, Vol. V, Paris, 1852.

Röder, Josef & Trimborn, Hermann. *Maximilian Prinz zu Wied, Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*, Bonn, 1954.

Rubim, Braz da Costa. Memórias Históricas e Documentadas da Província do Espírito Santo in *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, tomo 24, 1861.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://biblio.etnolinguistica.org